



# BRASIL AGORA



ANO I Nº 8

FEVEREIRO DE 1992 1º QUINZENA

CR\$ 1.250,00



## O GOVERNO ESTÁ DOENTE

UMA DOSE DE PFL CONSEGUIRÁ SALVÁ-LO?

(PÁGS. 8 E 9)



**VENEZUELA:**  
A VOZ E A VEZ  
DA QUARTELADA.

(PÁG. 13)



**COMUNISTAS:**  
PCdoB INSISTE,  
PCB DESISTE.

(PÁGS. 10 E 11)



**EUA:**  
JFK ARRASA  
VERSÃO WARREN.

(PÁG. 15)



## O TEMPO NÃO PARA

Pelo menos em termos de Brasil e no campo da esquerda, o 8º Congresso do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) foi um congresso de novidades. No quadro geral internacional da crise no socialismo, o que se tem visto, não só no Brasil mas também em diversos países, é a realização de congressos de mudanças bruscas de rumo, alteração de nomes, abolição de símbolos etc. Em outras palavras, afastamento do socialismo.

Com frequência têm se realizado também congressos onde a divisão predomina, onde as divergências caminham para a constituição de grupos separados e hostis. O recente Congresso do PCB é um exemplo. O PT não se dividiu em seu Congresso, mas se afastou bastante da temática do socialismo, abordando de maneira mais aberta a variante social-democrata do capitalismo. No exterior, sabe-se como antigos partidos denominados comunistas deixaram de o ser, e quantas bandeiras foram arriadas por aí fora. O 8º Congresso do PCdoB foi diferente em toda a linha.

O 8º Congresso promoveu um estudo multilateral da experiência de construção do socialismo no mundo, especialmente na URSS, em termos seguramente nunca feitos no Brasil. Não se deixou de ressaltar o grande desenvolvimento que o socialismo propiciou, transformando, em tempo recorde, um país atrasado, como a antiga URSS, numa superpotência mundial. Não se omitiu o exame dos erros sucedidos, mesmo no tempo áureo desse desenvolvimento. Examinaram-se as causas desses erros, chegando-se a importantes conclusões.

Inédito foi que após todas essas análises, precedidas por centenas de artigos publicados na Tribuna de Debates de *A Classe Operária*, e quase duas centenas de discursos, o PCdoB atualizou sua visão de socialismo e reafirmou-o. Assim como confirmou ser o marxismo-leninismo visto não como dogma, mas como guia para a ação, a sua base teórica.

O 8º Congresso não derreou bandeiras, não renegou o socialismo. Discutiu com prioridade a crise do socialismo e, respondendo aos novos problemas postos, reafirmou suas posições básicas. O clima geral foi de unidade, o que constituiu outra novidade.

Finalmente, a presença de 24 delegações estrangeiras no Congresso, demonstrou que o tema do socialismo, longe de estar esquecido, desperta grande interesse, o que confirma o lema do 8º Congresso: "O tempo não pára. O socialismo vive".

**HAROLDO LIMA**

Deputado Federal (PCdoB-BA)

PERGUNTA A KUCINSKI E RAIMUNDO: DOIS ALTERNATIVOS NÃO SE BEIJAM?



### NEM SOFT, NEM LIGHT

Discordamos da opinião de Chico Vigilante, de que *Brasil Agora* não mostrou a que veio. Tampouco cabe rotulá-lo de *soft* ou *light*. Mais impressionante ainda é o sectarismo do Núcleo Éder Sader, que posicionou-se contra a venda do jornal. *Brasil Agora* é uma conquista do PT. Felizmente se propõe a fazer jornalismo e não panfleto - embora muitos, temos certeza, preferissem ver palavras-de-ordem no lugar de títulos. Isso é chato! Chatos são os panfletos com o mesmo palavreado de sempre, supostamente populares, mas que ninguém lê. Acreditamos que há muito para melhorar no *Brasil Agora*. Mas, é evidente, para isso acontecer, ele precisa estar vivo. Com o tipo de oposição furiosa ao jornal, detectada não só nas cartas, mas entre companheiros "democráticos", do tipo "discordo, portanto não encaminho", *Brasil Agora* não terá chance de se aperfeiçoar.

**CLÁUDIO SCHUSTER E LINETE MARTINS**  
Florianópolis, SC

### DESCONTENTAMENTO

Como leitor e assinante do jornal *Brasil Agora*, não posso deixar de registrar o meu descontentamento com a matéria central da edição nº 5, que faz a cobertura do 1º Congresso do PT. A matéria que pretende retratar os acontecimentos acaba por deturpá-los, no momento que omite fatos e acentua outros, claramente de acordo com os interesses políticos dos que a elaboraram. O texto erra quando emite opinião sobre teses apresentadas ao Congresso, adjetivando suas proposições de "mitigadas", por exemplo. Mais adiante a matéria faz apologia de uma tendência interna do PT, dizendo que ela foi "criada para combater os partidos dentro do partido e para defender o PT".

**MARCELO HENRIQUE DA COSTA**  
Rio de Janeiro, RJ

### HANSENÍASE

Assíduo leitor do *Brasil Agora*, deparei com o editorial publicado no nº 5, intitulado "PT: socialista e democrático", de onde reparo que o editor narra com precisão a decaída da saúde de nos últimos tempos, e faz referência a uma doença chamada vulgarmente de *lepra*.

O motivo desta carta é esclarecer que o termo *lepra* já foi abolido da linguagem científica e do próprio setor saúde, há décadas, por ser uma palavra bíblica estigmatizante e horrível, sendo substituída por *hanseníase*, em homenagem ao cientista Gerhard Amauer Hansen, norueguês, que em 1873

descobriu o bacilo da referida doença.

Não tenho intenção, com esta carta, de fazer crítica à linha jornalística de *Brasil Agora*, inclusive não concordo com as posições do Núcleo Éder Sader, que diz que não vai vender o jornal.

Minha ponderação é porque não conseguimos correr atrás da imprensa burguesa, para às vezes corrigi-las em seus erros conceituais, mas se um petista lê lá a *lepra*, ele irá continuando a divulgar a *lepra* e nosso movimento quer inclusive acabar com o nome pejorativo de *ex-hanseniano*, pois não existe *ex-tuberculoso*, *ex-sifilítico* e assim por diante.

**ENI CARAJÁ FILHO - MOVIMENTO DE REINTEGRAÇÃO DO HANSENIANO**  
Belo Horizonte, MG

### IMPRESA ALTERNATIVA (1)

Como membro da banca que examinou a tese de Bernardo Kucinski, *Jornalistas e Revolucionários*, venho repudiar a acusação que Raimundo Pereira faz em seu artigo "A morte dos nanicos" (BA nº 7, 2ª quinzena de jan/92), de compadrio entre examinadores e candidato.

A acusação é infundada, desconhecendo a natureza de uma avaliação acadêmica. Além disto, se apresenta de forma leviana e irresponsável, desacompanhada de provas e argumentos.

Quanto ao artigo propriamente dito, a única coisa que desejo observar é que o estilo Pereira dos anos 70, nos polêmicos Ensaios Populares do jornal *Movimento*, era melhor, mais claro e menos rebarbativo.

**FLÁVIO AGUIAR**  
São Paulo, SP

### IMPRESA ALTERNATIVA (2)

Como ex-diretor da Edição S/A., editora do jornal *Movimento*, venho manifestar minha inteira concordância com os termos da matéria de Raimundo Pereira sobre o livro-tese *Jornalistas e Revolucionários*, de Bernardo Kucinski. E, como testemunha do nascimento do *Movimento*, posso assegurar que algumas absurdas inverdades constantes desse livro-tese só podem ser fruto da imaginação delirante de seu autor.

**FRANCISCO MARSIGLIA**  
São Paulo, SP

### ERROS GROSSEIROS

A simplificação e redução de todas as atitudes e fenômenos humanos a interesses de classes vêm levando setores da esquerda a erros grosseiros. E com os erros, à construção de práticas antidemocráticas. Tudo para esses segmentos deve ser visto, fundamentalmente, por uma ótica de classe. Qualquer prática política seria então burguesa ou proletária: a democracia é burguesa ou proletária, o Estado é burgues ou proletário. E, em nome dessa observação simplificadora, instituem-se governos ditatoriais, que assassinam, que torturam; nega-se no dia-a-dia a opinião da maioria, pratica-se a corrupção e o banditismo no movimento sindical. Tudo em nome dos trabalhadores. Falar em *verdades* sem adjetivá-las (burguesas ou proletárias?), para muitos, ainda é crime. Então cria-se o *Pravda*, *Gramma*, *Hora do Povo*, *Classe Operária*, *O Clarim Operário*, que, para melhor falar das "verdades dos trabalhadores", falseiam os fatos.

Foi assim que o jornal *Brasil Agora* contou o que ocorreu no 1º Congresso do PT. Na verdade dos editores, houve um acordo não cumprido pela Tese 8 - "Um Projeto para o Brasil" -, na questão da Ditadura do Proletariado, quando todos sabem que os defensores da Tese 8 negam radicalmente que tenha havido qualquer acordo que implicasse uma defesa de proposta diferente da que foi feita pelo vereador Maurício Farias. De todos os modos, na dúvida, não seria mais justo e enriquecedor entrevistar uma liderança da Tese 8? Na questão da violência, a verdade dos editores os levou a dizer que a proposta da Tese 8 era "mitigada", sem em nenhum momento dizer o porquê. E, resolveram usar o jornal para proselitismo de uma tendência: afirmaram que a Articulação é a "tendência que surgiu do combate dos partidos dentro do partido e na defesa do PT". Esta última talvez seja a grande "verdade" que justifica colocarem o jornal a serviço desta tendência. Pior: de uma parte da tendência.

**ALCIR H. DA COSTA**  
Rio de Janeiro, RJ

### LUTA ESTUDANTIL

Em reunião plenária realizada no dia 21 de novembro de 1991, dezenas de estudantes dos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus de Santiago, decidiram fundar a União Santiaguense de Estudantes Secundaristas - USES. Na oportunidade foi discutido o atual quadro conjuntural do movimento estudantil, e a necessidade da organização de uma entidade representativa,

aberta e democrática, para levar as reivindicações do conjunto dos estudantes do município, além do apoio às demais lutas enfrentadas pelo conjunto da sociedade.

**RUBENS SAVARIS LEAL**  
Santiago, RS

### SAINDO DO PCB

De forma individual e independente, coerentes com uma autocrítica radical e sem a pretensão de formação de tendências de ex-PCBistas, companheiros do PCB gaúcho e pernambucano em especial estão se desfiliando para se unirem na construção do PT, antes da realização do X Congresso do PCB ao final de janeiro de 92.

A ligação político-afetiva de longa data, um certo espírito militante religioso e, possivelmente, outros fatores da condição humana, dificultam a ruptura e a autocrítica radical de concepções e práticas arraigadas mesmo na parcela militante mais crítica do PCB. Neste processo viciado, não faltam às tendências a eterna conciliação, o adiamento de decisões, imaginando-se um momento futuro de condições absolutamente maduras e oportunas e de maior impacto, além da reprodução de autocríticas tão tardias quanto súbitas, incompletas, com margem aos oportunistas.

Muito minoritárias, as posturas independentes/individuais que têm se afastado do partido rejeitam qualquer conciliação com qualquer corrente em formação no PCB, defendem a coerência com o espírito crítico e a reflexão autônoma delineada nos debates publicados nacionalmente para o 8º e 9º Congressos.

**HUMBERTO P. CAVALCANTI, RECÉM-DESFILADO DO PCB**  
Porto Alegre, RS

### VÍDEO PETISTA

Um vídeo de 13 minutos com as principais idéias sobre a Escola Pública de Qualidade, defendida pelo Partido dos Trabalhadores, está sendo distribuído pela Síntese Comunicação Integrada. Neste trabalho há idéias de Lula, Genoíno, Jorge Bittar, Ester Grossi, Paulo Freire, Suplicy e outros. Pedidos à Síntese Comunicação Integrada, fone (031) 848-1003 - Av. Waldomiro Duarte, 4 - Técnicos, Cep. 35174 - Aceso/Timóteo-MG

### REGISTRO

Recebemos a publicação "Lei da Previdência para o agricultor - entenda a lei e exija os direitos conquistados", do deputado estadual Antonio Maragon (PT-RS). Recebemos também o jornal *Folha da Terra*, de Itaboraí (RJ).

**DIRETOR:** JOÃO MACHADO. **EDITOR:** RUI FAICÃO. **EDITOR DE ARTE:** JOCA PEREIRA. **ARTE:** BEATRIZ PESSOA, CELSO MADEIRA. **REDAÇÃO:** FLÁVIO AGUIAR, MOUZAR BENEDITO, RAIMUNDO PEREIRA, VALTER POMAR. **SECRETÁRIA:** ADÉLIA CHAGAS. **COPIDESQUE E REVISÃO:** CELSO CRUZ E FABIO DE LIRA. **DIGITADORAS:** ELIZABETE DA SILVA. **EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA:** CACO BISOLE E SILVANA PANZOLDO. EDITORA PÁGINA ABERTA LTDA. **BRASIL**

**AGORA** É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL - ALAMEDA GLETE, 1049. **DISTRIBUIÇÃO:** FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S.A. RUA TEODORO DA SILVA, 907 - TEL: (021) 577-6655 - CEP: 20563 - RIO DE JANEIRO, RJ. **GERENTE GERAL:** HUGO SCOTTE. **ADMINISTRAÇÃO:** Mª ALICE DE P. SANTOS. **ASSISTENTE:** IVANILDA ALVES. **REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:** ALAMEDA GLETE, 1049 - CEP 01215 - SÃO PAULO (SP). FONES: 220-7198/222-6318. **CIRCULAÇÃO:** PAULO SOLDANO. **EXPEDIÇÃO:** PAULO E. SOLDANO. **ASSINATURAS:** TEL: 223-2974 **SERVIÇOS GERAIS:** EILSLANDIA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, LUCILENE B. SILVA. **FOTOLITO:** ED. ARTE. **IMPRESSÃO:** FTD. **COLABORADORES:** ALÍPIO FREIRE, ALOÍSIO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO

**BRASIL AGORA**

MANOEL ALVAREZ, MÁRCIA BRAGA, MÁRCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO ANTONIO SCHUSTER, MARCOS SOARES, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JAKOBSKIND, MARINGONI, MARISA MELIANI, MARIZA DIAS COSTA, MIADAIRA, NELSON RIOS, NILMÁRIO MIRANDA, OHI, PATO, PATRÍCIA CORNILS, PAULO BARBOSA, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZILBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, ROGÉRIO SOTTILU, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, WLADIMIR POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL.

**TIRAGEM DESTA EDIÇÃO:** 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 14 DE FEVEREIRO DE 1992. **JORNALISTA RESPONSÁVEL:** RUI FAICÃO



# No Planalto, a dança das cadeiras

O governo vive uma situação delicada, semelhante à saúde do presidente, que não é precária, mas inspira cuidados. Pressurosos, os políticos do PFL empolgaram o governo e, com os reforços recentes do PDS, reconstituíram o "Centrão". Juntos, tentam reconfortar o paciente, repondo-lhe as energias para disputar, com favores suficientes, as eleições de outubro. A acomodação ministerial, as manobras contra a crise e a recomposição do bloco no poder compõem a reportagem de capa desta edição (páginas 8 e 9).

Acontecimento recente mais importante no plano internacional, o acordo de paz em El Salvador, com a vitória política da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional, é o destaque internacional (página 12), ao lado

de uma análise sobre as causas do fracassado golpe na Venezuela, que segue a rota recessiva do Brasil na política econômica (página 13).

Atingidos pela crise do Leste Europeu, os PCs brasileiros buscam, a seu modo, um "aggiornamento". O PCB cinde-se mais uma vez: refunda-se com o PC e cria o PPS; o PCdoB afasta-se da Albânia, critica Stálin, mas reafirma a ditadura do proletariado e o partido único. Os congressos comunistas estão nas páginas 10 e 11. Também afetada pela crise do socialismo real, Cuba recebe o "vôo da solidariedade" de personalidades brasileiras, entrevistadas na página 16.

O EDITOR

A ILUSTRAÇÃO DA CAPA É DE WALTER ONO.

## JUSTIÇA ELEITORAL

# Crimes de Collor no STF

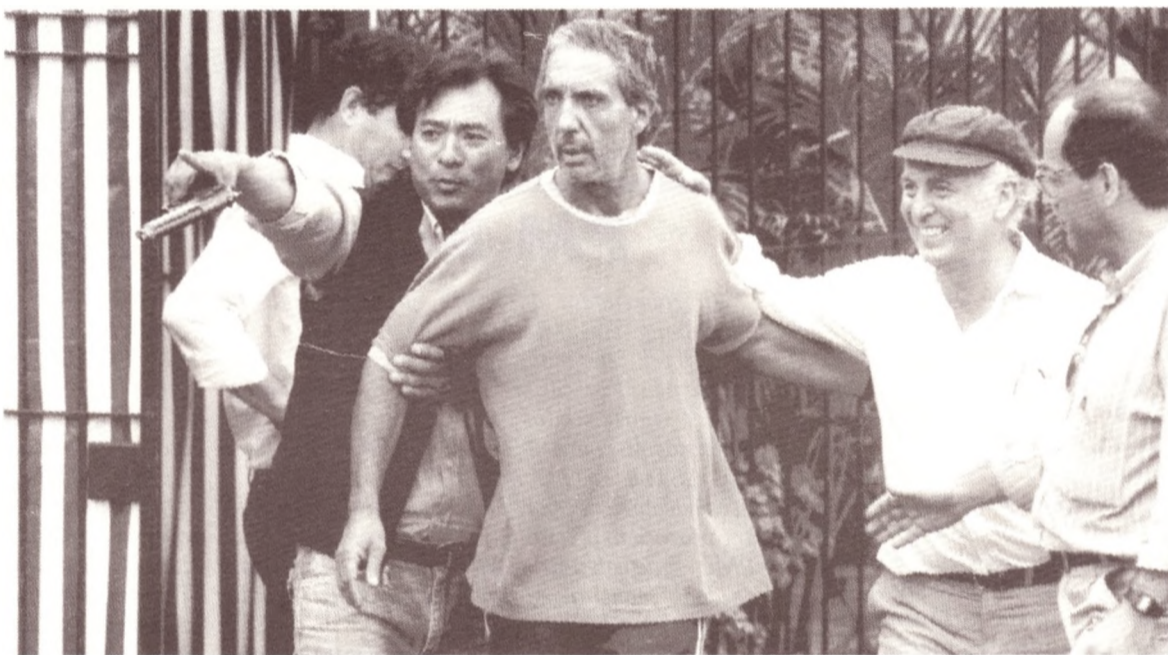
Representação de Hélio Bicudo sobre crimes eleitorais chega ao Supremo depois de dois anos

Está nas mãos do Supremo Tribunal Federal (STF) uma decisão inédita no Brasil, que poderá ter como resultado a perda do cargo de presidente da República por Fernando Collor de Mello, caso seja considerado culpado por crimes eleitorais praticados durante o segundo turno da campanha eleitoral de 1989.

Em 8 de janeiro de 1990, ainda antes da posse de Collor, o deputado federal Hélio Bicudo (PT-SP) deu entrada junto ao Tribunal Eleitoral (TSE), de uma representação contra os crimes do então candidato Collor. No processo, Bicudo apresentou elementos que se enquadram como delitos, de acordo com os artigos 323 a 326 do Código Eleitoral.

Os principais crimes relatados pelo parlamentar petista referem-se às manipulações feitas no Programa Ferreira Netto, na TV Record, e ao depoimento de Miriam Cordeiro no programa eleitoral gratuito poucos dias antes do 2º turno.

**CONFISCO.** Na noite de 11 de dezembro de 1989, o apresentador Ferreira Netto pôs seu programa de TV a serviço de uma armação do candidato Fernando Collor, procurando criar um clima de medo na vitória do candidato petista com mentiras, visando influir na decisão do eleitorado que votaria poucos dias depois. Entre outras coisas, Collor afirmou que se o PT fosse vitorioso, as casas e os apartamentos seriam invadidos por militantes petistas. Além disso, Lula determinaria a intervenção nas poupanças populares, ou seja, haveria um confisco de poupança. Um dia depois de sua posse, Collor mostrava quem planejava intervir na poupança popular, ficando evidente a manipulação e a má fé de sua fala com Ferreira Netto.



O seqüestro de Abílio Diniz: outro caso de manipulação explícita.

O depoimento de Miriam Cordeiro, ex-namorada de Lula, no programa eleitoral gratuito do PRN de 12 de dezembro de 1989 foi outra armação criminosa, pois foi apurado que Miriam fez acusações destrutivas sobre Lula mediante recebimento de dinheiro, o que constitui um claro e inadmissível ato de corrupção. Até hoje, com suas poucas posses, ela vive num apart-hotel, negando-se a identificar de onde sai o dinheiro que a sustenta.

Nos dois casos, a responsabilidade direta é do então candidato Collor. No caso do Programa Ferreira Netto, porque ele próprio fez uso de mentiras como instrumento de propaganda eleitoral, e quanto ao depoimento de Miriam Cordeiro, porque não se pode admitir que Collor desconhecesse os fatos narrados e como eles se passaram, permitindo sua divulgação no horário eleitoral gratuito.

**PORQUE AGORA.** A apuração dos fatos poderia ter sido rápida e cabal, se o TSE tivesse optado por essa decisão e, com isso, Collor nem teria tomado posse como presidente da República. Mas só depois de muita espera é que o ministro-relator do TSE, Pedro Acioli, deu seu parecer, e foi no sentido de que o TSE não poderia julgar os supostos crimes do presidente da República e a representação deveria, portanto, ser arquivada.

Mas, no final de janeiro, o parecer do ministro foi derrotado e o TSE julgou "fora de sua competência" o julgamento desse processo, decidindo-se não pelo arquivamento como propunha o relator, mas pelo envio ao Supremo Tribunal Federal. Daí porque depois de dois anos volta à tona um assunto que parecia morto, servindo apenas de lembrança da "coerência" e da disposição de Collor para usar qualquer método que lhe permita

chegar ao poder.

Como o STF é o órgão máximo do Poder Judiciário, espera-se que as denúncias de crimes eleitorais contra Collor sejam devidamente julgadas. E, quem sabe, os brasileiros se verão livres de pelo menos meio mandato de descalabro, o que já é um lucro. Pena que não se possa esperar uma maior rapidez do Judiciário.

## OPINIÃO

### O SECTARISMO CONTINUA

A profunda crise das experiências socialistas impõe a todos os partidos comunistas uma minuciosa análise.

Militei 13 anos no Partido Comunista do Brasil, recebendo toda uma formação teórica marxista-leninista. Mesmo tendo uma compreensão dialética da história, o Partido cria uma psicologia retilínea em que o socialismo é mais uma etapa e o comunismo uma experiência superior, final, da sociedade.

Pois bem, as grandes manifestações de dezembro de 1990 mexeram profundamente com a minha formação socialista. Foi terrível constatar o começo da *débâcle* do país albanês. Antes, o Comitê Central do PCdoB dizia: "O que caiu no Leste Europeu foi a experiência dos revisionistas, dos eurocomunistas. A Albânia resistirá". O livro *O Bastião Albanês* foi editado para reforçar esta idéia.

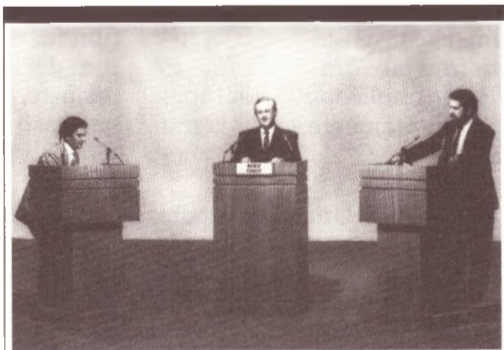
Constatee, do ponto de vista teórico e prático, que a direção do PCdoB diminuiu a importância de discutirmos de forma "macro", as questões que envolvem a experiência dos povos com o socialismo e a própria prática do PCdoB.

O 8º Congresso foi convocado e a direção já impôs os temas a serem discutidos. Sou conhecedor da avidez e do interesse do conjunto da militância do PCdoB, em todo o país, em discutir e estudar teóricos como Bakunin; em discutir o período Stálin de forma aberta; em debulhar as resoluções da Terceira Internacional; em conhecer a experiência albanesa; em discutir a falta de inserção do Partido no movimento popular e o emperramento no crescimento da organização. O 8º Congresso frustrou o debate que abnegados e sérios militantes do PCdoB estavam preocupados em proporcionar. Sai antes.

O Partido dos Trabalhadores joga um papel relevante neste final de século, pela prática e pelos teóricos que tem. Mas entendo que nenhuma organização socialista, em nível internacional, pode se arvorar detentora desta complexa matéria. Este final de século nos impõe condições e um comportamento que haverá de varrer o sectarismo e o dogmatismo que, como demonstra o 8º Congresso, estão presentes no PCdoB.

JOÃO PEDRO

Vereador em Manaus (PT)



## 14 DE DEZEMBRO DE 1989

O último debate da campanha eleitoral. No dia seguinte, já sem horário eleitoral gratuito, a Globo manipulou o noticiário, favorecendo Collor.





## LEIA, ANTES DE CHIAR.

Quem ouve ou lê o noticiário sobre o Imposto Predial e Territorial Urbano em São Paulo, pensa que está sendo cometido um verdadeiro assalto a toda a população. E muita gente de classe média, antes mesmo de ver bem quanto vai pagar por ano ou por mês, embarca numa briga que interessa apenas aos proprietários dos imóveis mais valorizados da cidade.

Para se ter uma idéia mais clara do que está acontecendo, aí vão uns números: 62,11% dos imóveis estão isentos do IPTU, só vão pagar as taxas normais de conservação e limpeza pública. Existem na cidade 2 milhões e 194 mil imóveis cadastrados, sendo 1 milhão e 657 mil residenciais. Dos residenciais, 900 mil terão IPTU em parcelas mensais inferiores a Cr\$ 15 mil, valor equivalente ao que se paga mensalmente pelo gasto de água e luz. Dos imóveis comerciais, 64,26% (187 mil) pagarão prestações mensais abaixo de Cr\$ 50 mil.

O problema é que 2,32% dos proprietários (cerca de 50 mil) têm imóveis muito valorizados, que representam 60% do valor total do IPTU arrecadado. Eles chiam, gritam, têm muito poder de fogo e acesso aos meios de comunicação. Daí a aparência de catástrofe.

O governador Fleury foi um dos que consideraram "uma cacetada" o valor do imposto a pagar. Por seu apartamento de 250 metros quadrados, numa área de classe média alta, vai pagar por ano Cr\$ 827 mil. Não tem que pagar de uma vez, pode parcelar. Seu apartamento não custaria, se colocado à venda, menos que Cr\$ 150 milhões (há quem avalie em mais que o dobro disso). Pegando este preço, por baixo, o IPTU anual equivale a pouco mais que 0,5% do seu valor.

Em Nova York o imposto equivalente ao IPTU vai de 7% do valor do imóvel nos bairros mais pobres a 12% nos mais ricos. Calcule quanto Fleury pagaria lá. O mesmo poderia ser dito a Luiz Antônio Medeiros, sindicalista que tanto louva o capitalismo. Ele reclamou indignado no rádio por ter que pagar Cr\$ 200 mil (por ano), por uma casa em Santo Amaro. Veja quanto vale a casa dele e quanto corresponde isso em porcentagem.

Outra coisa: e o IPVA? Por que não houve tanta chiação contra ele? E proporcionalmente ele é muito mais caro. Às vezes até em valor absoluto. É bom lembrar que o IPTU é um imposto de retorno imediato, sob a forma de serviços como saneamento, escolas e limpeza. É preciso pensar sobre isso.

PEDRO LUÍS



# O Planalto contra-ataca

Governo promove nova investida contra os 147% e prepara a privatização da Previdência

Os sinais de que está em curso uma nova ofensiva do Planalto rumo à privatização, e que desta vez ela conta com sólido apoio político entre o conjunto das elites, tornaram-se evidentes nas últimas semanas. A saída do desastrado ministro Antonio Magri e a nomeação para substituí-lo de Reinhold Stephanes marcaram o início de uma espécie de contra-ataque do Executivo, visando inverter uma conjuntura que lhe chegou a ser crítica na segunda quinzena de janeiro, quando o Tribunal de Contas da União (TCU) desmentiu informações oficiais que falavam num rombo de 11 trilhões de cruzeiros nas contas do INSS, se prevalescesse a ordem judicial de conceder reajuste de 147% para os aposentados e pensionistas.

**TRÂNSITO.** Stephanes, que já estava no cargo quando o TCU apresentou seu parecer, iniciou seus movimentos procurando tirar proveito das duas inegáveis vantagens que tem em relação a seu antecessor. Ao contrário do que ocorria com Magri, sua presença no ministério visou precisamente consolidar o apoio ao governo do Bloco parlamentar constituído por PFL e PRN. Esta situação havia ficado perigosamente abalada durante a votação do pedido de aumento das contribuições previdenciárias, quando o líder do Executivo na Câmara, deputado Humberto Souto, votou praticamente solitário. Além disso, o novo ministro revelou desfrutar de amplo trânsito junto às elites, que desprezavam Magri por sua origem e suas gafes sucessivas.

Stephanes começou por contestar a procedência do relatório preparado por técnicos do TCU, que garantia ser possível ao INSS realizar um superávit de 16 trilhões de cruzeiros, ainda que pagando os 147%. Em 29 de janeiro, o ministro compareceu pessoalmente à sede do Tribunal de Contas e entregou a seu presidente, Carlos Átila, um relatório em que reafirmava os cálculos anteriores do governo. Os jornais deram pronta acolhida aos números do Executivo, e os próprios juizes do TCU pareceram acatar tais dados.

**FRANCISCANOS.** O passo seguinte seria dado na Comissão Representativa encarregada de substituir o Congresso durante as férias parlamentares. O PMDB havia proposto a ela a adoção de um decreto legislativo suspendendo o decreto precatório do Planalto, que adiara até 1993 o pagamento dos 147% aos aposentados. Em certo momento, a aprovação do decreto foi considerada como favas contadas.

A nomeação dos novos ministros pefelistas e a indicação, às vésperas do posicionamento da Comissão Representativa, de um petebista para a secretaria de Habitação do ministério da Ação Social, reverteram o quadro. O



Quintino Cechinel, aposentado: um exemplo de como a PM catarinense trata a questão social.

## PM BATE: CULPA DO PT

O governador de Santa Catarina, Vilson Kleinübing (PFL), recorreu a um argumento surrado - e pelo jeito ainda não aposentado - na tentativa de justificar a ação violenta da Polícia Militar contra aposentados, dia 28 de janeiro, em Florianópolis. Para ele, a responsabilidade é de pessoas estranhas ao movimento, "com vínculos políticos, ideológicos e partidários notórios" - que teriam provocado o conflito. "Não há como culpar a PM" - que bateu firme em homens de até 70 anos de idade -, concluiu ao divulgar nota oficial mais de uma semana depois.

No dia 28, uma terça-feira, cerca de 400 aposentados de Criciúma e de outros municípios do sul do estado lotaram nove ônibus para uma manifestação em Florianópolis e uma audiência com o governador, de quem buscavam apoio na luta pelo reajuste de 147% que, por decisão da Justiça Federal em Santa Catarina, já deveria ter sido pago. Os aposentados resolveram seguir em passeata sobre a ponte Pedro Ivo Campos, ligação entre o continente e a ilha. Porém, ao descer do ônibus, Quintino Cechinel, 70 anos, 10 filhos, teve como recepção um golpe no queixo. Ao tentar ajudá-lo, José Paulo Serafim, presidente do Sindicato dos Mineiros de Criciúma - pelo menos 60% dos aposentados do município são

mineiros -, teve duas costelas quebradas. A PM usou 170 policiais - 70 deles da polícia de choque - e bombas de efeito moral, para tentar impedir a caminhada. Cerca de 20 pessoas saíram feridas.

A passeata seguiu até o palácio, onde novos atos de violência foram registrados, desta vez incluindo fotógrafos e cinegrafistas. Na audiência, contraditório como o que diria depois, o governador chegou a pedir desculpas a aposentados e jornalistas. Ao mesmo tempo, o secretário de Segurança Pública, Sidney Pacheco - deputado do PFL -, afirmava que a polícia "cumpriu seu dever de dissolver à força as manifestações". Para ele, os aposentados foram manipulados pelo PT e pela CUT.

Em Criciúma, dia 29, indignados com a acusação, os aposentados faziam correr pela cidade um abaixo-assinado pedindo a demissão de Pacheco, exigência, assim, feita também pela CUT e pelo PT. Eles pararam a cidade no dia 6, com apoio dos comerciantes, para um ato público com mais de mil pessoas na Praça Nereu Ramos. Em Florianópolis, mais de 30 entidades e partidos de oposição realizaram manifestações através do Comitê de Apoio e Solidariedade à Luta dos Aposentados.

CLÁUDIO SCHUSTER,  
de Florianópolis

governo conseguiu obter, na Comissão Representativa, o apoio não apenas do Bloco, mas também do "bloquinho" (PDS, PL, PTBePDC). Inferiorizadas, as oposições foram obrigadas a partir para a obstrução, postura em que se mantém até o momento.

Em 3 de fevereiro começaram os trabalhos de uma comissão parlamentar encarregada de oferecer alternativas para a "reforma estrutural" da Previdência. Um dia depois vieram novas vitórias do governo. Um dos representantes do PMDB, o deputado Alberto Goldman, comunicou que seu partido aceitava ao menos parcialmente as propostas privatistas do governo. O PMDB endossava a tese essencial da privatização - a fixação de um teto para as aposentadorias pagas pelo Estado, a partir do qual os eventuais benefícios teriam de ser contratados a partir da adesão a seguros privados. Além disso, concordava com a transferência a particulares do

cobijado seguro contra acidentes de trabalho. E aceitava discutir até mesmo o fim da aposentadoria por tempo de serviço, novamente proposta pelo governo. No mesmo dia, a *Folha de S.Paulo* publicou editorial apoiando abertamente a última mudança.

**PRECATORIA.** Um dia depois, novo golpe oficialista. Por solicitação do INSS, o corregedor da Justiça Federal do Rio de Janeiro suspendeu a juíza Salette Macca-loz, que havia proferido a sentença que garantia o pagamento dos 147% aos aposentados daquele estado. Entre as alegações feitas pelo INSS para justificar o pedido de punição estavam o fato de Salette ser "ex-militante petista", e o de ser "parte envolvida": afinal, justificou o Instituto, a mãe da juíza é uma aposentada...

Animado pela vitória no Rio, o ministério partiu para nova ofensiva. Anunciou em 5 de fe-

vereiro que a partir deste mês suspenderia o pagamento dos 147% até mesmo aos aposentados e pensionistas paulistas e fluminenses - que já contavam com decisão judicial a favor do reajuste, e não apenas com liminar, caso em que é possível postergar o pagamento através de precatória.

Diante do avanço do governo, da unidade das elites em torno de seu projeto, e da aparente paralisia da oposição popular, só restava, no final da primeira semana de fevereiro, contar com a combatividade dos aposentados, mais uma vez revelada. No dia 6, eles realizaram manifestações em todo o estado de Santa Catarina, a mais importante das quais paralisou a cidade de Criciúma. Se a perspectiva da liquidação dos 147% para os beneficiários do Rio e S.Paulo se consolidar, é possível que também nestes estados ocorram protestos nos próximos dias.

ANTONIO MARTINS





MILTON SOARES

Projeto do governo não soluciona a situação das 9 mil famílias sem-terra acampadas em todo o país

FMI

## RAPIDEZ INTERESSEIRA

Esta vez, o acordo do Brasil com o FMI tem um caráter diferente: embora, formalmente, o Fundo continue condicionando seu aval a ajustes fortemente recessionistas, o que se privilegia agora é a política de abertura para o capital estrangeiro, para favorecer as aplicações dos grandes investidores internacionais.

Mesmo sabendo das dificuldades brasileiras em aprofundar um programa de efeitos recessivos num ano eleitoral, a direção do FMI foi relativamente rápida em aprovar as metas de ajuste fiscal (redução do déficit público mediante a obtenção de corte de gastos, aumento da arrecadação de impostos e elevação real de tarifas) e redução das taxas mensais de inflação - sem congelamento, prefixação de preços ou dolarização - para 2% até o final deste ano. Com isso, começa a liberar, em parcelas, um crédito de US\$ 2 bilhões.

Essa atitude do Fundo resulta de pressões dos próprios bancos credores e de grandes investidores, em geral interessados na reabertura de oportunidades na América Latina.

A recessão no Primeiro Mundo produziu uma redução considerável das taxas internacionais de juros. Nos EUA, por exemplo, o investidor tem que se dar por satisfeito com uma remuneração anual entre 4,5% a 5,5%. O simples fechamento do acordo com o FMI fez melhorar a performance dos títulos brasileiros da dívida externa.

A mesma recessão está levando os fabricantes de máquinas e equipamentos a buscar mercado por aqui. Para viabilizar os negócios, torna-se necessária a reabertura de créditos comerciais.

Vale lembrar, também, capitais reservados para os ex-comunistas do Leste foram brecaados pela instabilidade política e pela completa falta de infraestrutura daqueles países.

A exigência maior do Fundo é a garantia de reconversibilidade dos investimentos, eliminação de barreiras protecionistas e tratamento idêntico ao oferecido aos brasileiros. Querem ter certeza de que poderão operar sem discriminação, podendo inclusive exercer o direito pleno de propriedade sobre qualquer empresa instalada no Brasil.

SÉRGIO SISTER

## REFORMA AGRÁRIA

# Collor lança seu projeto

Ele prometeu assentar 500 mil famílias na campanha. Cem mil ficam fora do "Terra Brasil".

**A**nunciando como meta assentar 400 mil famílias até o final de 1994, Collor lançou, dia 24 de janeiro, projeto de Reforma Agrária denominado "Terra Brasil", com Cr\$ 1,7 trilhão de recursos e a promessa de assentar ainda este ano, 50 mil famílias - objetivo para o qual estão destinados Cr\$ 406 bilhões para desapropriação de terras, Cr\$ 106 bilhões para os assentamentos e Cr\$ 54 bilhões para fomento/alimentação. Desse montante de Cr\$ 1,7 trilhão há, ainda, Cr\$ 114 bilhões para crédito de investimento e custeio, e Cr\$ 83 bilhões para fomento/alimentação, para as 108 mil famílias assentadas anteriormente.

Os três decretos que integram o projeto tratam da criação do "Grupo de Trabalho da Reforma Agrária" (GTRA), da exigência de comprovação do pagamento do Imposto Territorial Rural (ITR), para obtenção de crédito rural, e da compra e venda de imóveis rurais para fins de reforma agrária. O GTRA foi criado para assessorar o presidente na condução do processo de implantação do "Terra Brasil", devendo apresentar-lhe, em 90 dias, o Plano Nacional de Reforma Agrária. É composto por ministérios (Agricultura e Reforma Agrária, Educação, Justiça, Exército, Economia, Fazenda e Planejamento, Trabalho e Previdência Social, e Ação Social) e secretarias (Meio Ambiente, Desenvolvimento Regional e Assuntos Estratégicos).

**MAIS RECEITA.** A vinculação da concessão de crédito rural à comprovação do pagamento do ITR, da propriedade objeto do financiamento, faz parte do esforço do governo em elevar a arrecadação tributária - segundo a apresentação de motivos de decreto, há uma perda de 70% da receita esperada com o ITR, porque 50%

dos contribuintes não pagam.

Quanto à compra de imóveis rurais para fins de reforma agrária, o objetivo é agilizar a obtenção de áreas para assentamentos, devido ao impedimento legal criado pela não-regulamentação dos artigos 184 e 185 da Constituição - desculpa repetida com insistência pelo ministro Cabrera para justificar a falta de desapropriações nos dois últimos anos.

Esses são os fatos. A análise inicial deles permite algumas constatações interessantes. Começando pelo princípio, é bom lembrar que a promessa de campanha de Collor era assentar 500 mil famílias, e não as 400 mil do projeto. O "desaparecimento" dessas 100 mil famílias não mereceu ao menos uma explicação. Depois, **compra de terra** é transação imobiliária, não Reforma Agrária; esse tipo de solução

beneficia os latifundiários, valorizando as terras da região, transformando em dinheiro algo que estava parado e livrando-os da desapropriação.

**UDR CONTRA ITR.** O governo Collor, que conseguiu a aprovação de medidas impopulares pelo Congresso, como a do confisco, não tem logrado êxito em convencer a bancada ruralista (estimada entre 140 a 200 deputados, liderada por ex-dirigentes da UDR, como os deputados Ronaldo Caiado e Odeldo Leão) a aprovar os seus projetos de aumento da alíquota do ITR, punindo progressivamente os latifundiários com propriedades ociosas. A última tentativa, no dia 19 de dezembro de 1991, foi novamente frustrada. Agora, pretende voltar à carga novamente, mas, se aprovada, essa alteração só começará a valer a partir de 1993. Ainda sobre essa questão do pagamento do ITR, agora há a possibilidade de cruzar as declarações do imposto de renda com as do ITR, ambas sob controle da Receita Federal desde abril do ano passado, e de executar judicialmente os processos dos devedores.

**COBRAR AS PROMESSAS.** Aliás, essa questão de Collor conseguir o que quer com o Congresso, permite outra comparação curiosa, de querer ou não: a não-regulamentação dos artigos 184 e 185, usada pelo governo para justificar a falta de desapropriações, não impediu o des-

### SEM-TERRA QUER É MAIS

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) pretende continuar a pressão também pelo atendimento de outras questões:

- assentamento imediato das nove mil famílias acampadas;
- regulamentação imediata do artigo da Constituição que cria o rito sumário de desapropriação;
- implantação do Imposto Territorial Rural (ITR) progressivo sobre os latifúndios;
- cobrança sumária das dívidas do ITR e recolhimento em terras dos latifundiários devedores;
- vinculação do Incra à presidência da República; e
- fim da repressão contra os acampamentos e lideranças dos sem-terra.

MANOEL ALVAREZ







## DENÚNCIA

## CRIMES SEM PUNIÇÃO EM ITU

Assassinato de sindicalistas não é tragédia só do campo. Em Itu já são três os assassinatos em 21 meses. O mais recente: Ednaldo Nobre Santana, 42 anos, ferramenteiro, casado, pai de 3 filhos, alvejado pelas costas ao sair de reunião da Comunidade Negra Ituana, em 9 de dezembro passado, às 14 horas.

Quem matou Santana? Seus compromissos de luta apontam pistas. Nas empresas de tijolos, telhas e cerâmicas de Itu, a violência contra trabalhadores é ilimitada. Salários e condições de trabalho humilhantes, perseguição aos que se organizam, desrespeito às leis.

A violência patronal começou em 1983, quando militantes da CUT conquistaram o Sindicato dos Metalúrgicos. Samuel Ribeiro Fernandes, presidente do Sindicato, foi seqüestrado, torturado e ameaçado de morte. Em março de 1990, Aparecido Vergílio, presidente do Sindicato dos Condutores, foi seqüestrado, assassinado e jogado no rio. E em 12 de maio de 1991, o militante sindical e ex-presidente do PT Luiz Alberto Rodrigues foi encontrado morto. Nenhum desses crimes foi esclarecido até agora.

Da oposição sindical dos Brinquedos, Santana passou a fundador do Sindicato dos Brinquedos de Boituva e Região, do qual foi eleito presidente e dirigiu a greve de 30 dias na fábrica Mimo. Daí passou a ter uma atuação mais abrangente na região, junto à CUT. Dirigiu uma greve na Constran e apoiou os metalúrgicos, colaborou com movimentos de saúde e de moradia. Por fim, ajudou a organizar a oposição sindical dos ceramistas, onde os pelagos fraudaram as eleições. Os trabalhadores não se intimidaram e ocuparam a sede do sindicato, a eleição foi anulada e o processo foi para a Justiça. Duas semanas depois Santana foi assassinado.

Corre em Itu, à boca miúda, que há uma lista de lideranças sindicais e populares da região com a morte encomendada. Entre outros, estariam nela os sindicalistas José dos Santos Filho, dos brinquedos; Gilberto Leonel da Silva, dos metalúrgicos, e Antônio Rodrigues da Silva, da oposição dos ceramistas.

HENRIQUE BETO,  
de São Paulo



## METALÚRGICOS

## Proposta causa polêmica

Dirigentes da Força Sindical querem trocar estabilidade por diminuição dos salários

Com o fim do prazo de garantia de estabilidade no emprego acertado no dissídio de novembro, as direções dos sindicatos de metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos - ligadas à Força Sindical - iniciaram negociações com a FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), reivindicando a prorrogação da estabilidade por mais 180 dias e reposição salarial de 28,5%. Em troca, aceitam a redução da jornada de trabalho, com redução salarial por 90 dias, findos os quais haveria reposição das horas não trabalhadas e dos respectivos salários.

A proposta causou alvoroço nos meios sindicais e empresariais. Para dirigentes da CUT e da CGT-Confederação, ela atenta contra um princípio essencial do movimento sindical, que é a defesa dos salários, muito corroídos pela inflação. Eles citam dados do IBGE, divulgados no último dia 3, que apontam queda média do poder de compra dos salários da ordem de 21,72% no Rio e 14,28% em São Paulo em janeiro, em relação ao mesmo período do ano passado. Do lado dos empresários a resistência é contra a compensação salarial a partir de maio. Na atual conjuntura, dizem eles, é impossível



CESAR RENZI/AE

Eles parecem ser combativos. Já a sua proposta, quanta diferença...

assumir um compromisso desta ordem. Já quanto a reduzir a jornada e os salários...

"MOLECAGEM". Mas não foi apenas a apresentação da proposta que causou alvoroço. No dia 4 de fevereiro, em plena reunião de negociação na FIESP, os empresários foram surpreendidos pela notificação do pedido de revisão do dissídio que os sindi-

catos interpuseram junto ao Tribunal Regional do Trabalho, o que motivou a imediata suspensão das negociações, em vista do que alguns empresários qualificaram de "molecagem" da Força Sindical. Na audiência de conciliação, dia 11, não houve acordo e o TRT deu mais 5 dias para a FIESP apresentar uma proposta sobre o assunto. Os metalúrgicos por sua vez, preparam-se

para a greve.

Para a CUT, a proposta de Luiz Antônio de Medeiros, (presidente da Força Sindical), só tem de nova a maquiagem. Setores do PNBE - Pensamento Nacional das Bases Empresariais - manifestaram-se simpáticos à idéia. Há resistências na FIESP. Mas o governador Fleury gostou.

JOSÉ ROCHA

## FGTS

## Garantia, só com participação

Com novas regras, trabalhador poderá fiscalizar o Fundo de Garantia.

Velhas mutretas relacionadas ao recolhimento e à aplicação dos recursos do FGTS podem estar chegando ao fim. É que, com as regras aprovadas no final de 1991, o movimento sindical passará a ter, a partir de abril deste ano, um poder maior de fiscalização da arrecadação do Fundo e evitar a sonegação que, segundo o próprio INSS, é de cerca de Cr\$ 370 bilhões por mês, e no final de 1991 acumulava um rombo de Cr\$ 4,2 trilhões.

Abril é a data limite para que todas as contas do FGTS estejam centralizadas na CEF, depois disso todo trabalhador terá o direito de receber um extrato a cada bimestre do seu Fundo. O extrato vai para a empresa, que terá 72 horas para entregá-lo ao empregado e, se não fizer isso, terá que pagar multas que variam de Cr\$ 860,00 a Cr\$ 2.150,00 a favor do trabalhador prejudicado, segundo a última resolução do Conselho Curador, em janeiro deste ano. E o sindicato terá o direito de ser informado sobre valores em atraso, que a empresa deveria ter pago. Além disso, os sindicatos terão acesso a uma informação hoje guardada a sete chaves pelas empresas: o valor da folha de pagamentos.

**OLHO NA APLICAÇÃO.** Alagoas, estado com uma receita reduzidís-

sima do FGTS, e base política de Collor, teve em 1990 uma aplicação exagerada de recursos do FGTS, enquanto São Paulo, que além de ser o maior arrecadador tem grandes necessidades de moradias populares, teve uma aplicação reduzidíssima do di-

nheiro do Fundo destinado à habitação. Uma resolução do Conselho Curador do FGTS põe fim, se aplicada com rigor, a essa forma de manipulação: ela estabelece critérios transparentes para a aplicação de recursos do Fundo, levando em conta a den-

sidade demográfica e o déficit habitacional. Um projeto de lei respaldado pelo PT, PSDB, PSB, PCB, PCdoB e PDT prevê, entre outras mudanças, abertura de espaço para entidades da sociedade civil no Conselho Curador.

**POUPANÇA.** A bancada dos trabalhadores no Conselho Curador da CUT (um representante da CUT, um da Força Sindical e um da Confederação Nacional dos Bancários) está convencida de que a única forma de moralizar a arrecadação e administração do Fundo é o envolvimento do próprio trabalhador nessa briga. Hoje, segundo Douglas Gerson Braga, representante da CUT no Conselho, os próprios sindicatos "fazem de conta que a briga do FGTS não é com eles". Mas já há uma proposta das centrais sindicais no sentido de transformar o FGTS em caderneta de poupança, da qual o trabalhador receba extratos bimestrais. Em 1989, o então deputado Lula pediu uma auditoria nas contas do Fundo. A empresa Price Waterhouse, contratada depois de licitação, declarou-se incapaz de tal feito. Nenhuma auditoria conseguiu decifrar as maracutais que rondam as contas do FGTS, lembra Douglas.

DENISE NEUMANN

## PRINCIPAIS "BOLOS" DO FUNDO

- ❑ O FGTS deixou de receber mais de Cr\$ 4,2 trilhões nos últimos anos. Esse valor corresponde a quase o dobro da arrecadação total de 1991, calculado em Cr\$ 2,4 trilhões, em valores de outubro do ano passado.
- ❑ Apenas 18% das empresas recolhem em dia os recursos do FGTS. Outras 29% pagam com atraso e 53% simplesmente não pagam nada.
- ❑ Em 1990, o Estado de Alagoas arrecadou 0,34% dos recursos do FGTS, e recebeu 4,2% (proporcionalmente, recebeu 12 vezes mais do que arrecadou), enquanto São Paulo arrecadou cerca de 60% do total e recebeu apenas 11,4%.
- ❑ Dois relatórios da Caixa Econômica Federal (CEF) trazem valores diferentes para o saldo do Fundo em dezembro de 1990. Uma fala em Cr\$ 3,9 trilhões e outro em Cr\$ 4,1 trilhões. A diferença de Cr\$ 200 bilhões daria para construir 230 mil casas populares.
- ❑ Em dezembro de 1990, uma sobra de caixa de Cr\$ 215 bilhões, em valores da época (ou 1,3 bilhões de dólares), foi aplicado no mercado financeiro com juros de apenas 3,4% ao ano.
- ❑ Nos primeiros sete meses de 1991, 81% das obras financiadas pelo Fundo foram contratadas sem licitação.
- ❑ As empresas estatais (administradas pelo governo), são as maiores sonegadas de FGTS. Cr\$ 215 bilhões do rombo devem-se a elas.
- ❑ No primeiro semestre de 1990, 54% dos recursos do FGTS foram destinados à construção de casas de classe média. Em 1991, os recursos destinados à moradia popular foram de apenas 32% do FGTS.



# Chuva ácida mata floresta

**No Pará, indústria de alumínio produz gás que torna a chuva tóxica, matando rio e árvores.**

**A** luta pela terra e a queima da floresta não são mais as únicas grandes preocupações de quem vive na Amazônia. A poluição ambiental produzida pelos grandes projetos implantados na região está transformando a vida dos amazônidas num verdadeiro inferno. Nesta reportagem especial, primeira de uma série, **Brasil Agora** mostra estragos que o gás fluoreto, expelido por uma fábrica de alumínio, está causando a uma comunidade próxima de Belém.

A comunidade de Curuperé, localizada no município de Barcarena (vizinho a Belém), assistiu estarrecida à destruição de diversas espécies de árvores frutíferas, ao longo dos últimos dois anos. A pupunheira (palmeira que produz a pupunha, um fruto largamente utilizado no Pará), foi a primeira espécie vegetal atingida pelo gás fluoreto expelido pelas chaminés da fábrica de alumínio Albrás (Alumínio Brasileira S/A). Em contato com a umidade atmosférica, o gás fluoreto se transforma em chuva ácida e ao cair sobre a vegetação produz manchas negras e gosmentas nas folhas. Depois de algum tempo, essas folhas começam a amarelar e finalmente a árvore seca.

**PREJUÍZOS.** Por enquanto só os agricultores de Curuperé estão observando o problema, já que a comunidade fica localizada bem ao sul da fábrica. Mas além da pupunheira já foram destruídas outras espécies como o bacurizeiro, o cupuaçuzeiro, a bananeira e a cuieira. A mangueira também foi afetada mas demonstra maior resistência ao fluoreto. Entretanto, seu fruto, a manga, fica com sabor azedo. Os agricultores de Curuperé perderam, no ano passado, toda a safra de pupunha, bacuri, cupuaçu e banana, que era vendida nas feiras de Barcarena e de Belém.

As 150 famílias de trabalhadores rurais da comunidade denunciaram o fenômeno à direção da Albrás, mostrando que estavam amargando sérios prejuízos financeiros com a perda das frutas e temendo que a chuva ácida pudesse provocar problemas de saúde, já que as águas do rio Curuperé também estavam sendo atingidas pelo fluoreto. A empresa prometeu tomar providências mas só tomou a iniciativa depois que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barcarena denunciou o fato ao deputado estadual José Carlos Lima, líder da bancada do PT na Assembléia Legislativa do Pará.

**LEITE DERRAMADO.** A empresa chegou a publicar uma nota na imprensa de Belém, no ano passado, declarando que as alterações nas árvores poderiam "ser atribuídas a outros fatores relacionados ao solo, doenças vegetais e semelhantes". Mas depois teve que se curvar aos fatos e tratou de firmar um convênio, às



**A folha da pupunheira seca (em cima) e as árvores morrem (embaixo)**

pressas, com a Embrapa e a Universidade de Viçosa (Minas Gerais), para estudar os efeitos do fluoreto na vegetação tropical. Ou seja, somente depois de seis anos é que se buscou conhecer os efeitos do fluoreto na Amazônia. As primeiras amostras das árvores atingidas foram identificadas como efeito direto do fluoreto pelo professor Marco Antonio Oliva, da Universidade de Viçosa, especialista em ecofisiologia e estresse gasoso de plantas.

O engenheiro responsável pelo setor de meio ambiente da Albrás, Paulo Roberto Nunes, garante que a legislação brasileira ainda não estabeleceu um padrão para a emissão de fluoreto. Por isso, diz, a empresa adota o padrão norte-americano, que é de 1,25 quilos de fluoreto por tonelada de alumínio produzido. O governo do Estado do Pará, através de seus organismos de controle ambiental, limita-se a receber os relatórios emitidos pelas estações de monitoramento da Albrás. Mas, além do impacto causado ao ambiente externo, no interior da fábrica os operários que trabalham na unidade de Anodo I e Redução I também estão expostos aos efeitos do fluoreto e outros gases. Os filtros dessas duas unidades captam apenas 70%

dos resíduos químicos, contra 97% dos filtros utilizados nos fornos fechados. Para isto a Albrás apresentou (após a denúncia dos trabalhadores rurais e do deputado petista) um projeto ao Banco Mundial visando obter 10 milhões de dólares para substituição dos fornos abertos.

**TAMBÉM NO MARANHÃO.** Um outro projeto encaminhado ao Banco Mundial, após constatação dos efeitos do fluoreto na vegetação tropical, visa obter 200 mil dólares para desenvolver o estudo que deveria ter sido feito antes da implantação da fábrica, em 1985. O engenheiro Paulo Nunes confirmou que a liberação do fluoreto se dá na forma de pó e gás. E que o anodo (um dos componentes do alumínio) libera carbono, daí o odor de enxofre que os lavradores de Curuperé sentem quando sopra o vento nordeste.

Em São Luís (MA), onde está instalada a fábrica de alumínio da Alumar (Alumínio do Maranhão), também já foram identificados os primeiros impactos ambientais provocados pelo fluoreto. Mas os estudos que estão sendo desenvolvidos pelo Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental (unidade da Embrapa) e a Universidade de Viçosa deverão durar cerca de cinco anos. Enquanto

isso a discussão é se os efeitos que estão afetando as plantas não poderão também afetar os trabalhadores da fábrica e a comunidade que vive em torno do projeto de alumínio, que já está implantando uma fábrica de alumina, a Alunorte, e uma fábrica de silício, da Mendes Junior.

**PAULO ROBERTO FERREIRA,**  
de Belém

## O PREÇO DE UMA AUTORIZAÇÃO

**A** Albrás é uma associação da Companhia Vale do Rio Doce (51% das ações) e da NAAC (um conglomerado de empresas japonesas), com capacidade para produzir 320 mil toneladas/ano de alumínio. Os japoneses só aceitaram participar do projeto depois que o governo do general Ernesto Geisel comprometeu-se, em 1974, a construir a usina hidrelétrica de Tucuruí, para geração de energia subsidiada; um porto para exportação do alumínio em barra e de uma cidade para os operários (Vila dos Cabanos).

Apesar de todas estas exigências, o governo brasileiro sequer estabeleceu uma legislação sobre a emissão de fluoreto. E a Secretaria de Saúde Pública do Estado do Pará (a quem cabia autorizar o início das operações da fábrica), teve que se submeter à Albrás, que comprou um laboratório e pagou, durante alguns anos, o salário dos técnicos que deveriam acompanhar o projeto. Um engenheiro químico da Albrás diz que a Secretaria é incapaz de questionar qualquer dado fornecido pelas estações de monitoramento da empresa, e que atualmente o laboratório está desmontado e encaixotado numa dependência da Sesp, que foi sucedida pela recém-criada Secretaria do Meio Ambiente.

Tantas facilidades concedidas pelos governos federal e estadual não foram capazes de assegurar aos trabalhadores da Albrás condições de trabalho saudáveis. Na unidade Redução I e Anodo I o pessoal fica extremamente exposto ao fluoreto porque os fornos são abertos. São frequentes os problemas respiratórios nos operários. O pessoal que atua na CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) teme que, não havendo providências a curto prazo, os operários (e até mesmo a população que vive em torno da fábrica) comecem a sofrer as consequências danosas da ingestão prolongada de fluoreto: problemas nas articulações e coluna vertebral.

**(PRF)**

FOTOS: PAULO SANTOS/INDEFOTO

- QUAL O PROBLEMA DE SE PERDER 12 QUILOS NUM PAÍS ONDE O PIB CAIU 12%?



MAINGON



# De braço dado com as elites

**Com dificuldades na sociedade, no Congresso, na economia, em casa e no corpo, Collor pede arrego e opera a segunda grande mudança em seu ministério.**

No último dia 10, segunda-feira, o ministro da Economia, Márcilio Marques Moreira, chamou o ministro da Infra-estrutura, João Santana, para uma conversa destinada a acertar divergências entre suas pastas. No entender de Márcilio, que acabava de regressar de um périplo pelos bancos centrais e ministérios da Fazenda dos países europeus, o comportamento de Santana estava sendo prejudicial aos interesses do Brasil.

Quando saiu do gabinete de seu colega, Santana pouco fez para esconder que o desentendimento persistiria ou mesmo se agravaria. Se o fato é que "o ministério da Economia quer cortar investimentos", disse, referindo-se às poderosas - cerca de 200 - estatais que controla, é preciso então que ele seja claro, que vá "direto ao assunto". Se Márcilio quer criar uma holding para ele próprio administrar essas empresas, concluiu, irônico: "a holding já existe - é o Ministério da Infra-estrutura".

**DÍVIDA.** A briga entre Santana e Márcilio se agravava com um episódio curioso. Cinco dias antes, por ordens de Márcilio, o Departamento do Tesouro mandara bloquear as contas bancárias da Eletrobrás, da Chesf e da Eletrosul. Essas empresas não haviam pago uma conta de 50 milhões de dólares com o Banco Mundial, vencida há 60 dias.

E Márcilio mandara aplicar um decreto-lei de 1984, assinado pelo então presidente general Figueiredo, que estabelece para os órgãos estatais "prioridade absoluta" nos pagamentos da dívida externa. E dá ao Tesouro poderes para confiscar os haveres dos faltosos em qualquer instituição bancária que estiverem. Acontece, porém, que o presidente da Eletrobrás - por ordens de Santana, diga-se - havia transferido o caixa do grupo para outra conta estatal. O que lhe permitiu pagar seus funcionários no fim de semana... com o dinheiro reservado aos credores.

A briga entre os dois ministros ficou para ser arbitrada pelo presidente. Márcilio tem pressa: nos próximos dias 24 e 25, quando se reúne oficialmente para renegociar a dívida brasileira de 22 bilhões de dólares com o Clube de Paris - que congrega os Tesouros e os bancos centrais dos sete países capitalistas mais ricos -, quer o apoio dessa instituição para os lances finais no purgatório de reabilitação do Brasil no mercado financeiro internacional.

Por que então João Santana, homem que é uma espécie de campeão na mesma luta de Márcilio pela privatização das estatais, pela atração dos capitais externos, está lhe atrapalhando?

**DIFICULDADES.** O incidente entre os dois ministros é emblema da situação do governo Collor após a reforma ministerial que despachou os ministros Rogério Magri, Margarida Procópio, Carlos Chiarelli e Alcení Guerra. O governo vive uma situação muito delicada. Essa conjuntura faz com que nem mesmo a reforma ministerial atual, extraída depois de um bombardeio de denúncias muito grande - maior que o "mar de lama atirado sobre Getúlio", diz o governador Brizola -, seja suficiente para estabilizar sua situação.

Do orçamento federal de 478 trilhões de cruzeiros, que acabou de ser impresso pelo Congresso, 218,3 trilhões são dedicados ao pagamento de juros pelos títulos públicos e à rolagem desses papéis. Para obter, além disso, um saldo de cruzeiros suficientes para comprar dólares para pagar os bancos privados e o Clube de Paris, "o governo precisa de um superávit de 4% nas contas públicas", disse no dia 6 o diretor do Orçamento da União, José Carlos Santos (sobre o orçamento da União, ver BA nº 7, pág. 13).

Diante desses números, os recursos do Ministério chegam a ser minúsculos. O mais falado, o da Ação Social, é de 7,8 trilhões. Collor espera muito desse ministério com a reforma. Para ele chamou o mais hábil político conservador da safra mais recente, o advogado, milionário e pecuarista pernambucano Ricardo Fiúza. Adib Jatene, médico-cirurgião paulista, amigo e secretário de Saúde de Paulo Maluf em anos passados, que dirigirá o Ministério da Saúde, comandará 19,6 trilhões. Mas, praticamente, não tem qualquer margem de manobra com esses recursos, comprometidos com pagamento de serviços e salários atrasados e não reajustados. Reinhold Stephanes, catarinense que foi presidente do INPS no governo Geisel, terá teoricamente os 123,8 trilhões do orçamento da Seguridade Social. Na prática, porém, terá mesmo é um enorme problema para resolver: onde buscar os recursos que faltam para pagar aposentadorias e pensões corrigidas como manda a nova Constituição Federal?

**FRANCISCANOS.** É uma situação contraditória. Os grupos tanto disputam empenhadamente o controle do Estado para usá-lo e defender-se da crise, como correm um alto preço para apoiá-lo e carregar o fardo de ser governo nesse ano eleitoral. Daí, então, a reforma ministerial não se estabiliza.

Os que já ganharam, querem mais. Por que não trocar também João Santana, se pergunta Antônio Carlos Magalhães? João Santana é o único grande sobrevivente da curriola de Zélia Car-

dosso de Meilo no governo. Que apoio político ele agrega, se pergunta o governador baiano? Nenhum, diz Magalhães, do grupo de uma poderosa empreiteira. Por que não retalhar o ministério de Santana, recriando o antigo Ministério dos Transportes? Por que não tirar Jarbas Passarinho também? questionam o mesmo Magalhães e outros.

A nomeação de Jorge Konder Bornhausen, um espécie de aristocrata das finanças nacionais, filho do cruzamento das duas mais poderosas famílias de Santa Catarina, para o cargo de ministro-chefe da Secretaria de Governo, criou problemas evidentes. O maior deles: antes de ser empossado, e antes mesmo de ser aprovada a lei que cria o seu cargo e define suas funções, Bornhausen saiu pelo Brasil afora desentocando a idéia da ante-

cipação do plebiscito para a escolha do sistema de governo. Agora há novo projeto, que puxa a data do plebiscito de setembro de 1994, como está hoje na Constituição, para abril de 1993. Dizendo-se parlamentarista convicto, que deixou o governo Sarney, no qual foi ministro da Educação, pelo fato deste ter escolhido o presidencialismo, Bornhausen passou a ser considerado o homem ideal para a função. Passarinho, o atual coordenador político do governo, serviu para coordenar o contrário: ajudou a derrubar a Emenda Richa em outubro passado. Passarinho, então, começou a sentir-se depenado e em vias de fritura.

**TUCANOS.** E, se o governo põe lenha na fogueira parlamentarista, esquenta outras mudanças. O

parlamentarismo pode ser imposto pela direita: com uma reforma conservadora das atuais leis eleitorais e da propaganda política. Com o parlamentarismo, voto distrital e poucos partidos nacionais, o governo pode tentar novamente a aproximação com o PSDB. O colunista Jânio de Freitas, aliás, noticiou a articulação para se substituir João Santana por um homem do PSDB. A manobra parte dos tucanos do Ceará. Tasso Jereissati, o presidente do partido, e Ciro Gomes, o governador, tinham negociado com Ricardo Fiúza a entrada da cearense Moema Santana no ministério atual. Fiúza tem sob seu controle três secretarias importantes. São, talvez, os três cargos com controle direto sobre as verbas maiores e mais facilmente manobráveis nessa atual reforma: a da Habitação, a

do Saneamento e a da Ação Social. Mas, e uma oferta maior? Por que não o controle das estatais? Por que não o lugar de Santana? Imagine-se uma reforma mais ampla do Ministério, desmembrando a Infra-estrutura, criando o controle das estatais que Márcilio e os credores querem?

**REPERCUSSÕES.** O PSDB, como sempre, é o partido da oposição mais atingido pelas manobras do governo Collor. Mas elas repercutem em todos os outros. O deslocamento dos CIACs, de Alcení Guerra e do Ministério da Saúde, para José Goldemberg e o Ministério da Educação, abre uma ponte importante com setores do PMDB e do PSDB, de quem Goldemberg é próximo. Reformulado em reunião há poucos dias, o projeto dos CIACs prevê inauguração de 40 dessas

unidades por mês, de agora até o fim do ano. A mudança afastou relativamente Brizola. Na primeira investida pelo Rio, Bornhausen garantiu que os prefeitos do PFL iriam fazer as indicações dos CIACs no estado. E Brizola já tinha entregue sua lista a Collor.

O esforço que Brizola faz para reagir à guinada de Collor é, até o momento, ambíguo. Por um lado ele declarou apoio ao acordo com o FMI, assinado pelo Presidente. "É o último cálice amargo que teremos de engolir", disse, segundo os jornais. Por outro lado, em encontro com Erundina, no último dia 10, declarou que estava com saudades de Lula, uma saudade tamanha que se o encontrasse o abraço seria de "quebrar costelas".

**TENTAÇÃO.** Quanto ao PT, onde vão se concentrando as esperanças oposicionistas do povo, os problemas, no entanto, não são pequenos. Percebendo a instabilidade do governo, o partido pode se sentir tentado a uma aproximação muito eleitoral para os problemas do país, concentrando-se no esforço de demonstrar que é possível governar bem, a despeito da crise.

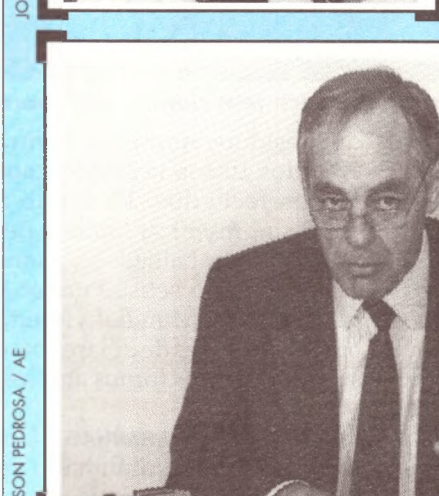
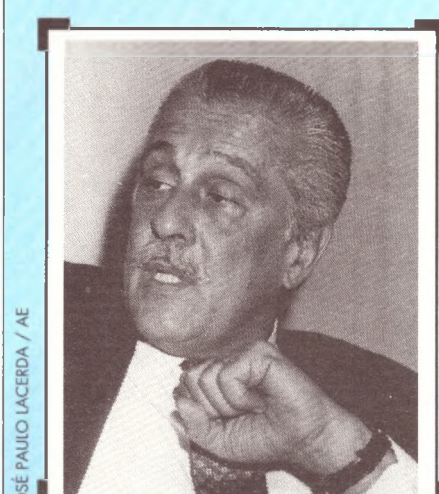
Para isso, suas grandes prefeituras - especialmente a de São Paulo, que está indo bem perante a opinião pública - planejam arrecadar bastante através de imposto local (IPTU) para fugir da crise da economia do país. A mudança de taxas que a prefeitura conseguiu para 1992 foi feita visando, essencialmente, penalizar os ricos (ver matéria na pág. 4). Do jeito que a cidade está organizada, no entanto, é difícil elevar impostos seletivamente. E muita gente da pequena burguesia, e dos pequenos e médios empresários, foi atingida com aumentos grandes e repentinos.

Essa a primeira crise que o PT vai enfrentar neste ano. Um ano que continuará resistindo a todas as pequenas reformas, e a todas as previsões otimistas e fáceis.

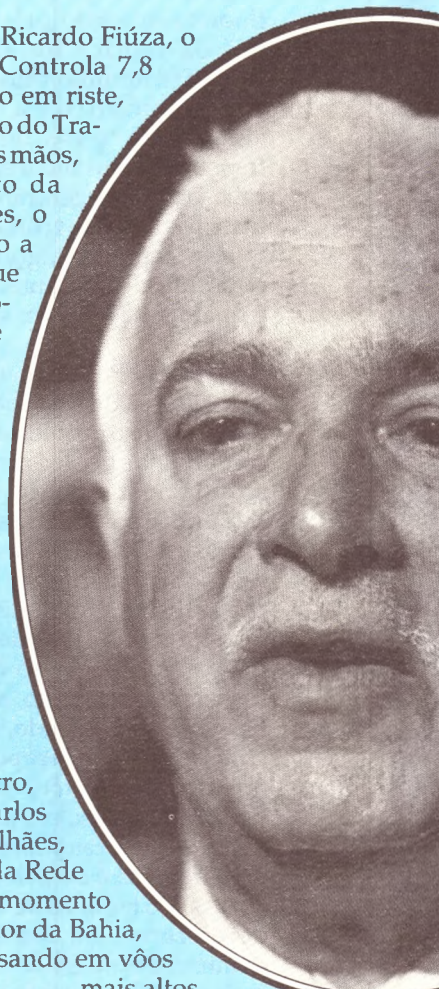
**RAIMUNDO RODRIGUES PEREIRA**

Colaboraram: Antonio Martins, Fernanda Mendes Pereira, Raquel Imanishi Rodrigues e Rute Imanishi Rodrigues

## OS NOVOS HOMENS DO PRESIDENTE



O bigodudo de punho cerrado é Ricardo Fiúza, o novo ministro da Ação Social. Controla 7,8 trilhões de cruzeiros. Com o dedo em riste, Reinhold Stephanes, atual ministro do Trabalho e Previdência Social. Em suas mãos, os 123,8 trilhões do orçamento da seguridade social; junto com eles, o pepino da previdência. Coçando a bochecha está Jorge Bornhausen, que era conselheiro da República e agora é chefe da futura secretaria de Governo. O careca sorridente e narigudo é Adib Jatene, médico-cirurgião paulista, ligado a Maluf, novo ministro da Saúde. Controla 19,6 trilhões.



Ao centro, Antonio Carlos Magalhães, amigo-mor da Rede Globo, no momento governador da Bahia, mas pensando em vãos mais altos.

### A REFORMA E AS ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Mergulhado na mais grave crise econômica e social de que se tem notícia na história republicana, o governo Collor ingressava no fim do ano passado em profunda crise política com desdobramentos institucionais imprevisíveis.

A inflação voltou aos tempos do Sarney, combinada com uma recessão sem precedentes. Menos de dois anos depois de sua espalhafatosa chegada à presidência, a população cansou-se das acrobacias de Collor, está descrente das promessas e dos planos do governo, que só tem apresentado um saldo de incompetência, desdém e corrupção.

É natural que com esta perda de legitimidade, a base política de Collor se enfraquecesse. A maioria conservadora do Congresso não tinha razões para dar sustentação a um governo incapaz, em queda livre na opinião pública e que, até bem pouco tempo, havia descartado (demagogicamente, é claro) qualquer compromisso com as "elites".

Até que Collor tentou superar a crise. Despiu o abrigo atlético e assumiu ares de intelectual, tirando

do free zero social-liberalismo de Merquior para uma rápida esquentada no seu forno de microondas. Não deu certo e o presidente cansou de tanta modernidade, apelando para a velha receita que dizia desprezar. Sarney deve estar torcendo os bigodes de tanto rir, pois voltamos aos bons tempos do "é dando que se recebe". OPFL (ex-PDS, ex-ARENA, lembrem-se?) ocupou o ministério e passa a controlar os cargos-chave do governo.

A aposta do presidente é clara. Esperar que o lento e silencioso choque de Márcilio produza resultados a médio e longo prazo. Enquanto o milagre não acontece, ele neutraliza as "elites" cujo preço conhece e tem condições de pagar. Acredita que comprando as elites, neutralizará o povo.

Com isto Collor tentará chegar às eleições de outubro sem grandes desgastes, evitando que elas assumam um caráter plebiscitário em relação a seu governo. Fiúza coordenará de fato a política, pois terá nas mãos a chave do cofre de onde sairão as verbas, as cestas etc.

Mas tudo é uma aposta, e o governo só será vencedor se não houver reação popular e as oposições ficarem apáticas.

É claro que nas eleições de outubro estarão em jogo questões locais. O PT chega a outubro com um saldo crescentemente positivo na quase totalidade de suas prefeituras, ainda que a crise geral degrade os serviços públicos e alimente o descontentamento global da população. Tem também ótimas chances em dezenas de importantes municípios.

Mas é fundamental que o PT enfrente as eleições de outubro com uma dupla perspectiva: 1) ganhar novas prefeituras e conservar aquelas que já governa, fortalecendo um trabalho iniciado há quatro ou 10 anos, como é o caso de Diadema e 2) derrotar politicamente o governo, inclinando o país à esquerda e criando condições de operar em 1994 as grandes transformações que o país necessita e espera. Para isso, deve aliar a um programa municipal criativo e progressista um claro perfil oposicionista e de luta contra o governo federal. Temos de nacionalizar as eleições.

A vitória das esquerdas nas "municipais" pode

ter para o pleito de 94 o mesmo efeito que as eleições de 1988 tiveram para a candidatura Lula em 89, empurrando-a para o segundo turno.

A condição desta mudança, que frustrará a recomposição conservadora esboçada por Collor agora, é a combinação de uma grande ofensiva no front social, onde o PT se move com grande desenvoltura, com uma política ampla de alianças. Esta deve permitir a articulação de todos os setores dispostos a derrotar a recessão a partir de um programa de desenvolvimento com distribuição de renda, e radicalização da democracia. Não haverá a tão sonhada "modernidade" enquanto persistirem os fatores que relegam mais da metade da sociedade brasileira à pobreza, quando não à marginalização total.

Agrupar as forças tradicionais da esquerda, fixar o PSDB no campo de uma oposição consequente ao governo, atraindo áreas do PMDB e do PDT para este espaço, podem ser os passos fundamentais de uma virada política que recrie o clima de esperança de 89 para que, desta vez, cheguemos lá.

**MARCO AURÉLIO GARCIA**

IMPRESA

**COLLOR, O PRESIDENTE PACIENTE**

É comum introduzir na discussão política elementos de avaliação íntima das pessoas que praticamente não têm a ver com o que se debate. Tome-se a crise do governo Collor. Para atingi-lo, muitas pessoas levantam - como ele fez em relação a Lula, diga-se de passagem - histórias de seu comportamento pessoal que consideraram condenatórias. Por exemplo: "Ele teve um caso com a atriz Cláudia Raia. E, como se sabe, Cláudia Raia fez teste de AIDS e deu positivo". Foi isso que fez o médico Ricardo Veronezi, diante de vários jornalistas, alguns com gravador ligado.

O problema dessas informações é que, se já é difícil julgar acontecimentos mais amplos, que se pode observar por milhares de depoimentos, no caso de ações mais restritas de alcance individualizado, a deformação nas observações e no relato é, geralmente, enorme.

No caso do doutor Veronezi, que foi desmentido publicamente pela atriz - que exibiu testes feitos e vai processar o médico (que já se desculpa de modo vexatório) -, a culpa também cabe à imprensa. Ela se apressou em divulgar os rumores e - mesmo - a insinuar sua veracidade (a Folha, na sua edição de sábado, dia 8, publicou uma foto da atriz bem magra que, fora do contexto, era uma verdadeira insinuação de que ela estava doente).

No caso da possível doença do presidente Collor, o caso não é este. A partir de um fato de repercussões políticas notórias - o presidente, subitamente, anunciou que não vai mais existir-se como vinha fazendo - e de três sucessivas faltas ao Palácio do Planalto, os jornalistas foram atrás da causa possível, uma doença.

O jornal O Estado de S. Paulo e a revista Veja, ouvindo gente do círculo íntimo do presidente, acabaram encontrando depoimentos que indicam que o presidente deve estar com uma doença altamente comum, a retocolite ulcerativa, considerada típica da vida agitada, tensa e reprimida que muitos levam hoje em dia e que se manifesta por inflamações na parte final do intestino, o cólon e o reto, a partir de diarreias frequentes e incômodas.

Não se trata, tudo indica, de nada que impeça o presidente Collor de governar. Nada também que recomende à oposição esperar uma crise de governo decorrente das dificuldades emocionais de Collor. Reagan, um dos presidentes mais influentes das últimas décadas, governou com câncer no intestino - do qual se operou com êxito, e perto de seus 80 anos.

(R.R.P.)



## UM FINAL TUMULTUADO

### ESQUECIMENTO

Entre as faixas que decoravam o interior do Teatro Zaccaro durante congresso do PCB não havia nenhuma bandeira do partido. Davi Zaia, que dirigia os trabalhos, alegou um problema da organização do congresso. Alguns militantes protestaram e arrumaram uma bandeira vermelha, que Zaia autorizou fixar à mesa que havia sobre o palco, mas "num lugar que não atrapalhe".

### EMOÇÃO ROUCA

Roberto Freire não conseguiu terminar a sua intervenção a favor das mudanças do PCB. A sua voz mudou de tom várias vezes até ele ficar afônico. Sérgio Arouca teve que falar por ele. Mais tarde ele disse ao **Brasil Agora** que perdeu a voz devido à emoção. "Militei muitos anos ao lado dos que estão saindo do partido agora". Outro militante que saía emocionado atirou um ovo em Freire.

A vereadora carioca "Rus-sa" também emocionou-se depois do racha, chorando abraçada com outro militante. Ela ficava, ele saía.

### PT DISCRICÃO

Chamado para compor a mesa de abertura do congresso, o deputado estadual petista Elói Pietá subiu ao palco, cumprimentou os dirigentes comunistas e sumiu em seguida. "É que eu não estava oficialmente representando o PT", desculpou-se. O representante petista, José Genoíno, apareceu apenas no domingo, depois do racha. Foi a pessoa mais aplaudida, depois de José Serra, que falou sobre a grande proximidade que há entre o PSDB e o PPS.

### VIDA HUMANA

Teotônio Simões, do Partido Humanista, esteve presente ao congresso e distribuiu para os participantes o jornal "O Humanista", edição do verão de 1992, onde defende, entre outras, a tese de que "a existência humana se dá no mundo", e que "a existência humana começa com o nascimento".

### FONTE DUVIDOSA

Ivana Jinkings, assessora de imprensa do "Movimento Nacional de Defesa do PCB", distribuiu texto aos delegados sobre as plenárias para eleição de delegados no Pará. O texto conta sobre os métodos de escolha dos delegados: "A fraude passou ao domínio público. Ridicularizaram o partido com as tais assembleias especiais, onde qualquer anticomunista tinha o direito de decidir sobre os destinos do PCB. O PT protestou contra a presença de seus filiados (Nova Esquerda) nessa ingrata e imoral tarefa. O PDT proibiu a participação de seus filiados nessa farsa. O PMDB e o PTB advertiram seus militantes". Consultado a respeito, o PT paraense confirmou que vai discutir o assunto, mas não tem posição a respeito da presença de filiados no último congresso do PCB.

# Aos 70 anos, o divórcio

**Em separação litigiosa, o PCB vira peça de inventário: dois novos partidos brigam pelo espólio**

Foi o último, mas nem por isso foi o cisma mais tranquilo. O 10º Congresso do Partido Comunista Brasileiro, realizado nos dias 24, 25 e 26 de janeiro, em São Paulo, no Teatro Zaccaro, resultou na criação do Partido Popular Socialista (PPS). Uma parte dos delegados presentes ao Congresso retirou-se antes disso e, num evento realizado no Colégio Roosevelt, também em São Paulo, formou o Partido Comunista (PC).

O Partido Popular Socialista, liderado pelos deputados federais Roberto Freire e Sérgio Arouca, diz ser uma continuação do PCB, nega a ditadura do proletariado, o partido único e os ícones comunistas. Já o Partido Comunista, liderado por Horácio Macedo, ex-reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e pelo sindicalista Ivan Pinheiro, reivindica para si o espólio ideológico do PCB, afirmando-se "marxista e revolucionário".

O PPS acusa o PC de "ortodoxia burocrática" e "apego ao passado stalinista". O PC rebate, chamando o grupo de Freire de traidor e acusando-o de "fuga envergonhada" do comunismo. Os primeiros sinais do racha aconteceram no 9º Congresso, quando as propostas "renovadoras" foram barradas. Na ocasião, os partidários de Freire ficaram com 47% do Comitê Central do partido.

**A ÚLTIMA INTERNACIONAL.** No sábado, 25, pela manhã, o clima era de confronto na abertura do congresso. Em frente ao Teatro Zaccaro, em São Paulo, uma mini-passeata bradava contra a "liquidação" do PCB. Aos gritos de "não é mole não acabar com o Partidão", membros do PC, que teve o seu programa e estatuto publicados no Diário Oficial em 9 de janeiro, viajavam os dirigentes que chegavam. "Eles sairão do partido", disse Freire ao chegar. "Nós temos 80% dos delegados", previa.

Dentro do teatro, cerca de 1.500 delegados inscritos preparavam-se para decidir os rumos do mais antigo partido brasileiro, fundado em 25 de março de 1922. Após a abertura do congresso, onde os dirigentes do PCB ouviram juntos, talvez pela última vez, a "Internacional", as divergências afloraram.

O grupo liderado por Horácio Macedo questionou os critérios de eleição de delegados estabelecidos pelo Comitê Central, que permitiam participar do congresso, com direito a voz e voto, quaisquer pessoas que se identificassem com a "luta pelo socialismo com democracia".

A própria direção do congresso, inquirida pelo plenário, não soube precisar o número de delegados presentes que eram filiados ao partido. "Nas plenárias para eleição de delegados no Pará, por exemplo, participaram militantes petistas da Nova Esquerda", conta Edmilson Costa, ex-membro da executiva nacio-

nal do PCB. Roberto Freire, porém, coloca Horácio Macedo na categoria dos delegados não filiados. "Afinal", argumenta, "ele saiu do PCB quando fundou o PC. A legislação eleitoral exclui automaticamente de um partido a pessoa que se filia a outro".

**O MOMENTO DO RACHA.** A mesa diretora do congresso, presidida por Davi Zaia, sindicalista bancário, recusou os recursos apresentados pelo grupo de Macedo, e confirmou a participação dos delegados não-filiados. Assim, Freire garantiu a superioridade numérica necessária para fazer as mudanças pretendidas por ele: levar o PCB para o campo da "radicalidade democrática", eliminando quaisquer vestígios do partido outrora vinculado à 3ª Internacional.

O racha aconteceu às 13h22min, após intervenções emocionadas. Freire falou de "todas as mudanças que a esquerda vem fazendo". Defendeu uma "nova cultura democrática, sem utopias. O PPS não é stalinista, não quer acabar com a pluralidade e a individualidade".

Ivan Pinheiro e Horácio Macedo acusaram Freire de ter "desistido de liquidar o capitalismo", falando de modernidade "com teses do século 18". Depois disso, anunciaram a saída dos seus delegados. "O PC será o legítimo herdeiro do PCB", disse Pinheiro.

O PC arrastou consigo 36% dos delegados inscritos para o Colégio Roosevelt, em São Paulo, onde Macedo e Pinheiro foram eleitos presidente e vice, respectivamente, do novo partido que, segundo Macedo, representa 60% da militância do defunto PCB.

No Teatro Zaccaro, os debates continuaram e fundou-se o PPS, um "operador político ligado à radicalidade democrática", segundo Freire, que foi eleito seu presidente. O PPS atraiu para si membros do PH, como Teotônio Simões, militantes verdes (Alfredo Sirkis participou do



JUSTINO PEREIRA

congresso), e o grupo paulista do PSB liderado por João Herrmann, vice de Plínio Sampaio (PT) na última eleição para governador. "Vamos criar um bloco moderno, um núcleo para disputar a hegemonia na sociedade", diz Herrmann.

José Genoíno (PT) e José Serra (PSDB), presentes ao congresso, gostaram do perfil do PPS. Genoíno alertou para a possibilidade do PC aproximar-se do PCdoB.

O PPS, porém, não deve manter-se inteiro por muito tempo. Os delegados do Rio Grande do Sul, liderados por Domingos Toddero, ex-membro do comitê central do PCB, discutem sua transferência para o PT. Eles não acreditam na viabilidade do PPS, diz Toddero. "O PCB esgotou-se. Só os autistas não vêem".

## CENAS DE UM CONGRESSO

### OS NÚMEROS

Participaram do 8º Congresso cerca de 520 delegados de todos os Estados, à exceção do Amapá. Participaram também 38 delegados representando partidos de 24 países.

### A FORÇA DO PC DO B

Segundo o dirigente Ronald Freitas, o PCdoB contaria hoje com cerca de 100 mil filiados. Tem cinco deputados federais, 14 deputados estaduais e 50 vereadores.

O partido tem expressão no movimento sindical através da Corrente Sindical Classista, que dirige 14% dos sindicatos filiados à CUT (cerca de 600, número dos que participaram do 2º Congresso da Corrente, há dois anos). No campo, o partido é forte especialmente no Sul do Pará, onde dirige o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Rio Maria.

O PCdoB tem força também na direção da Con-

federação Nacional das Associações de Moradores (CONAM), da União Nacional dos Estudantes (UNE) e na União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES).

### EX-PCB NO COMITÊ

O 8º Congresso do PCdoB decidiu incorporar ao Comitê Central o ex-dirigente do PCB no Rio de Janeiro, Juliano Siqueira, que aderiu ao partido recentemente, juntamente com algumas dezenas de militantes. Juliano, que é advogado e sociólogo, é da direção do Senalba, sindicato que congrega os trabalhadores ligados à formação profissional e ao lazer.

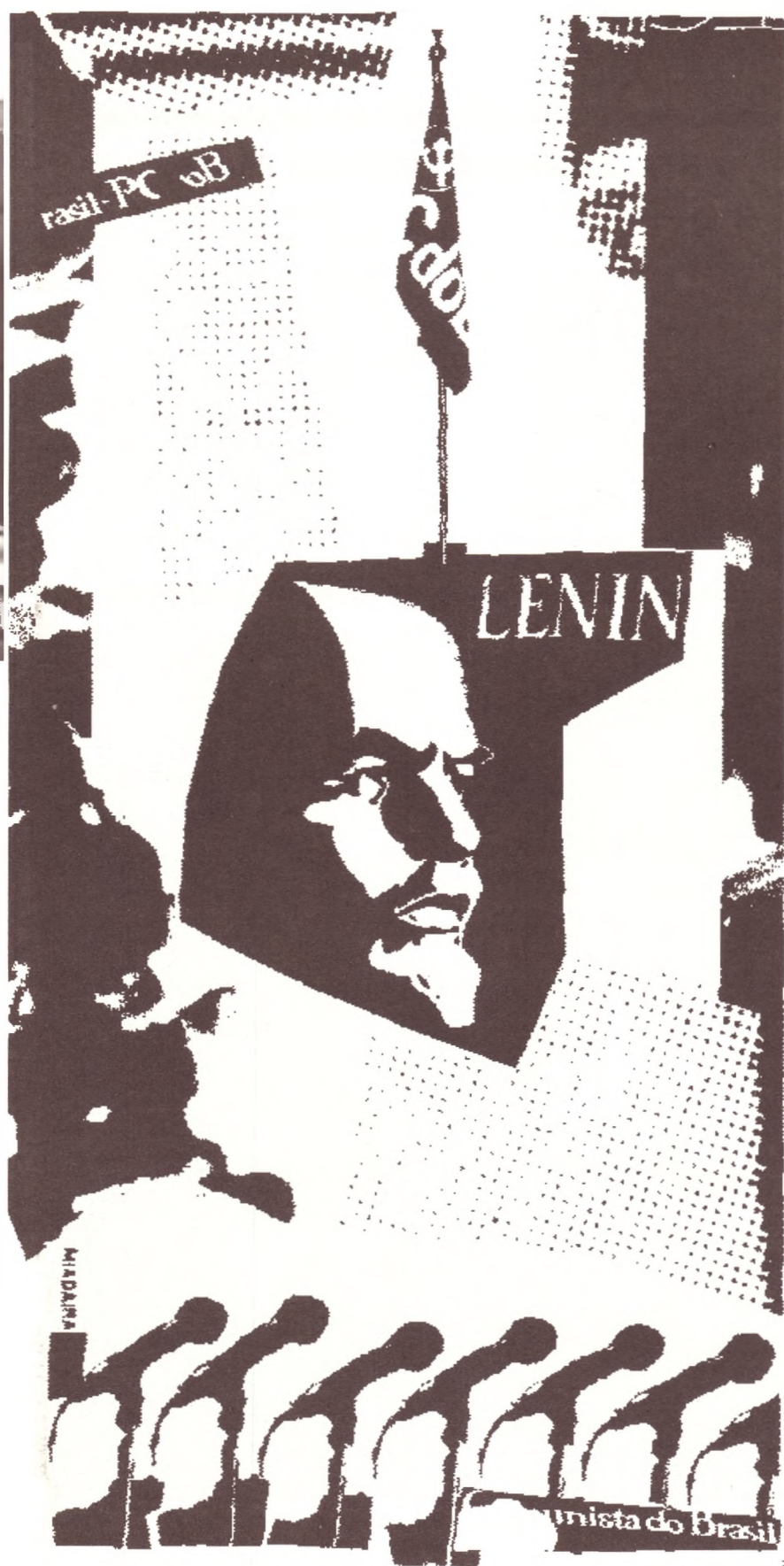
### A QUESTÃO DO PODER

Segundo o deputado Haroldo Lima (BA), o socialismo defendido pelo PCdoB não inclui a chamada "alternância de poder". Lima explica que o que o partido admite "é a alternância de governo". Ou



# Justa ou não, a linha continua

PC do B faz crítica moderada a Stálin e abandona o "etapismo". Mas a Albânia é uma pedra no sapato



O tom do 8º Congresso do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), realizado em Brasília entre os dias 3 e 8 de janeiro último, foi dado pela escolha de Lênin como patrono do Congresso. O PCdoB quis, com esta atitude, segundo explicou Ronald Freitas, membro do Comitê Central, "delimitar o campo, afirmar que nós estamos com a revolução, num momento em que a burguesia mundial tenta impingir a idéia de que o socialismo e a história foram enterrados."

Na mesma linha seguiu a resolução política aprovada pelo Congresso, para quem "a luta de classes é a força motriz do desenvolvimento das sociedades divididas em classes antagônicas"; "a ditadura do proletariado é o conteúdo essencial do Estado socialista"; "o socialismo apresentará diversidade de formas e diferentes estágios de desenvolvimento segundo a realidade existente nos países onde triunfe a revolução." Quanto à natureza do Partido Comunista, a resolução reafirma que o partido, "marxista-leninista", é a vanguarda dirigente da revolução e do estado socialista" e que "o centralismo democrático é o método marxista de organização do Partido."

**NOVIDADES.** Ao mesmo tempo em que reafirmou seus princípios, o PCdoB abandonou a idéia de que a conquista do socialismo no país passaria, primeiro, por uma etapa nacional e democrática e, depois, por uma etapa propriamente socialista. Segundo a resolução do 8º Congresso, o PCdoB "lutará desde já pela vigência do socialismo científico em nossa pátria, levando em conta as etapas necessárias e as características peculiares do País e do povo brasileiro".

A nova posição não implica, entretanto, que o PCdoB deixará de fazer alianças com forças políticas que não lutam pelo socialismo. "Não se pode ir em linha reta ao poder socialista", diz o Informe Político apresentado pelo presidente do partido, João

Amazonas, cuja orientação geral foi aprovada pelos congressistas. "Há que encontrar, em cada momento, aliados permanentes ou ocasionais que, nos embates políticos, ajudem a impulsionar o avanço do movimento emancipador", continua o Informe, explicitando mais adiante: "Incentivaremos o surgimento de um amplo e poderoso agrupamento anti-imperialista e democrático-nacional que reúna não somente as massas populares e o movimento operário, mas também a intelectualidade progressista, representantes da economia autenticamente nacional, setores militares que não concordem com a perda crescente da soberania brasileira, em suma, com todos os que amam a pátria e não querem transformar-se em meros agregados, em subordinados da superpotência norte-americana".

Durante o Congresso não se discutiram as alianças para as eleições municipais a serem realizadas no final do ano. A questão deverá ser definida na primeira reunião do novo Comitê Central, dias 7 e 8 de março, em São Paulo. Mas todos os representantes de outros partidos que compareceram no Congresso - entre eles o senador Eduardo Suplicy (SP) e a deputada Maria Laura (DF), do PT - foram saudados pelo congresso com o "Vai avançar, vai avançar, a unidade popular!!".

**CRÍTICA.** Uma das grandes novidades do 8º Congresso do PCdoB foi a avaliação crítica de Stálin, responsabilizado parcialmente pelo "desastre sucedido com o socialismo na URSS". O Informe Político afirma que "não foi ele (Stálin) quem deixou cair a bandeira revolucionária", sublinhando que enquanto ele dirigiu o PCUS e o Estado Soviético, "os ideais da Revolução de 1917 sempre estiveram em lugar de destaque". Porém, o documento afirma que "Stálin revelou também deficiências, cometeu erros, alguns graves, equivocou-se em questões importantes da luta de classes". "Subjetivismo",

"voluntarismo", criação do "fetichismo da direção que tudo sabe e tudo resolve, direção que se reduzia ao Birô Político e, dentro do Birô, a ele próprio", "sobreposição do Partido ao Estado", "repressões contínuas e desnecessárias", estagnação da teoria revolucionária" foram outras das críticas feitas a Stálin.

A par dessa avaliação crítica, feita por um partido que até recentemente considerava Stálin um "clássico" do marxismo, o PCdoB continua achando que "na verdade não existe a categoria "Stalinismo". O ataque ao Stalinismo tem sido um artifício para manifestar oposição a certos conceitos básicos do socialismo, para introduzir idéias revisionistas e, fundamentalmente, tem levado ao anticomunismo", diz o Informe Político.

**CONGRESSO DA UNIDADE.** Os dirigentes do PCdoB fazem questão de afirmar que no 8º Congresso prevaleceu a unidade partidária. De fato, é impróprio dizer que existem correntes distintas no partido. É verdade que durante a fase de preparação do Congresso, o PCdoB sofreu algumas perdas importantes. No Amazonas, com a saída do vereador João Pedro, que aderiu ao PT. E na Bahia, com o desligamento da deputada estadual Maria José Rocha (Zezé); da ex-deputada federal Lídice da Mata e do ex-prefeito de Camaçari, Luiz Caetano. É verdade também que o debate que precedeu o congresso foi muito acirrado. A Tribuna de Debates do jornal *A Classe Operária*, onde se publicaram mais de 400 artigos, também divulgou diversas críticas explícitas a métodos de direção considerados autoritários e "desvios do centralismo democrático". O balanço feito pelo deputado Aldo Rebelo, membro do Comitê Central, "é que a democracia interna do partido evoluiu bastante. A participação dos militantes neste Congresso foi muito maior do que no Congresso anterior".

ANTONIO CARLOS QUEIROZ,  
de Brasília

seja, "mantido o poder proletário, podem se alternar no governo partidos diferentes que não se oponham ao poder proletário. É exatamente desta maneira que age a burguesia, que também não admite alternância de poder. Nos países capitalistas só podem se alternar no governo os partidos que não se oponham ao capitalismo". Haroldo Lima garante também que a questão do partido único não é uma questão de princípios para o PCdoB. "A existência de vários partidos no regime socialista é um problema a ser resolvido pela história", afirma.

## ALBÂNIA, BATATA QUENTE

O 8º Congresso do PCdoB não avaliou a bancarrota do regime político da Albânia, país com quem o partido mantinha relações tão estreitas a ponto de considerá-lo "o farol da Humanidade". Entre os congressistas, era nítido o sentimento de que a questão albanesa é ainda uma batata quente que queima as mãos dos militantes do PCdoB. A resolução política destaca que "o balanço crítico da experiência de construção do socialismo na URSS nos fornece elementos fundamentais para melhor estudar e compre-

der o processo que conduziu à capitulação do Partido do Trabalho da Albânia". A idéia que vigorava até a queda do regime albanês, era a de que o processo albanês seria diferente do que ocorria nos demais países do Leste Europeu.

## BANZAI

Fez enorme sucesso o representante do Partido Comunista do Japão (Esquerda), ao final de seu discurso, feito em japonês e traduzido em castelhano por um assessor. Em vez de repetir os "vivas" do final do discurso, os delegados preferiram gritar *banzai*, em japonês mesmo.

## AXÉ

Outro representante estrangeiro que fez sucesso foi o delegado do PC de Daomé. Os delegados o saudaram desta maneira: "Axé, axé, pro PC do Daomé". O ex-vereador de São Paulo, Benedito Cintra, do movimento negro, aproveitou para puxar a palavra de ordem "Brasil, Daomé, América Central, a luta do negro é internacional".





**SUPERANDO O PERONISMO**

Rompendo com quase 50 anos de tradição peronista dominante no sindicalismo argentino, mais de 200 sindicalistas representando 45 sindicatos de 19 províncias lançaram em dezembro passado as bases para a construção de uma central operária completamente à margem do sistema existente e de um partido político próprio, que represente os trabalhadores. Os princípios deste movimento estão divulgados na carta chamada de *A Declaração de Burzaco*. "Estamos conscientes", diz a certa altura, "de que a possibilidade de uma economia a serviço do homem, fundada em níveis crescentes de autonomia e de justiça social, não é um problema econômico". Condenando a política neoliberal, acrescenta: "Um plano alternativo exige, antes de mais nada, uma ideologia e uma política alternativas".

O plenário do encontro apresentou cenas que seriam impensáveis poucos anos atrás, como estarem lado a lado dirigentes peronistas históricos, como Victor de Genaro, da Associação de Trabalhadores do Estado, ou como Maria Sanchez, do sindicato de professores, e o líder metalúrgico Alberto Piccinini, símbolo do sindicalismo contestador dos anos 70, de tradição não peronista. Este quadro é resultado, de um lado, da falência do sistema sindical herdeiro do peronismo na Argentina e, de outro, das duras condições em que vive hoje a classe trabalhadora do país.

A Confederação Geral do Trabalho (CGT), politicamente atrelada ao peronismo, levou a cabo 13 greves gerais durante os 5 anos do governo Alfonsín, que antecedeu o do peronista Carlos Menem. Quando este assumiu o governo, a resistência da Central acabou; ela mesma se dividiu em duas, a CGT San Martín, oficialista, e a CGT Azopardo (nomes dados segundo as ruas onde ficam as suas sedes), acabando por perder todo o peso político que já desfrutou no passado.

Por outro lado, dados do próprio governo confirmam o empobrecimento geral da classe trabalhadora. Em 1970 sua participação na renda nacional era de 43%; cálculos recentes apontam para algo entre 20 e 24%. Piccinini lidera atualmente uma organização chamada de Proposta Política dos Trabalhadores (PPT), que defende a idéia de criação de um novo partido político. Esta alternativa estará certamente em discussão quando voltarem a se reunir os signatários da *Declaração de Burzaco* em março próximo, e ela certamente preocupa o establishment político argentino, abrindo novas esperanças para a oposição às políticas neoliberais.

LUIS BILBAO,  
de Buenos Aires



# Paz sem derrota

**Acordo entre a guerrilha e o governo de El Salvador põe fim a 13 anos de guerra civil**

Quando o presidente de El Salvador, Alfredo Cristiani, interrompeu a contagem regressiva para o início de 1992, anunciando pela TV o acordo de paz entre o governo e a guerrilha da FMLN, estava dado o sinal para o fim de quase 13 anos de guerra, que causaram cerca de 80 mil mortes. E também começava uma experiência bastante original: o fim de um conflito sem vencedores nem vencidos, por meio de um acordo em que todos cederam e receberam alguma coisa em troca.

O equilíbrio do Acordo de Chapultepec espelha o panorama da guerra: nem a guerrilha conseguiu tomar o poder, nem o Exército foi capaz de desalojar os rebeldes dos 30% de território que ocupavam nas províncias de Morazán, Chalatenango ou Usulután.

Esse tratado de paz, que parece ter satisfeito todas as partes, também reflete uma conjuntura internacional em que, se o fim da URSS representou um golpe para os guerrilheiros, os Estados Unidos não obtiveram sucesso na sua estratégia de "guerra de baixa intensidade" em El Salvador. Com o fim do bloco socialista e a derrota eleitoral dos sandinistas na Nicarágua, que para os EUA afastou o "perigo comunista" da América Central, a Casa Branca optou por pressionar o governo ultradireitista de El Salvador rumo a um tratado de paz. E isso depois de os sucessivos presidentes norte-americanos despejarem mais de cinco bilhões de dólares em ajuda militar ao Exército salvadoreño desde 1981.

**CRONOGRAMA.** Segundo os acordos assinados no México, depois de 21 meses de negociações, um cessar-fogo permanente entrou em vigor no início de fevereiro. A Frente Farabundo Martí deverá desmontar suas estruturas militares até 31 de outubro, transformando-se em partido político legal. Sua primeira participação eleitoral acontecerá em 1994, quando deve lançar como candidato à presidência Joaquín Villalobos, Shafik Handal, Leonel González ou Fermán Cienfuegos, veteranos comandantes da guerrilha. Os dois primeiros inclusive já retornaram a El Salvador.

O governo comprometeu-se a desmobilizar a metade dos efetivos das Forças Armadas - incluindo cinco batalhões de elite - em um prazo de dois anos. Um comitê especial analisará as denúncias contra oficiais acusados de violações dos direitos humanos. Todos os corpos de polícia vão desaparecer, e será criada a Polícia Nacional Civil, independente do Exército, incorporando parte dos guerrilheiros da FMLN.

Alfredo Cristiani anunciou

ainda uma anistia a todos os exilados e presos políticos, além da reforma agrária que limita qualquer propriedade agrícola a 245 hectares. Vão ser respeitadas as ocupações de terras feitas por camponeses em zonas sob controle da FMLN. As duas partes se empenharão em levantar no exterior os recursos necessários à reconstrução do país. São pelo menos dois bilhões de dólares que - espera-se - devem ser cobertos pelos Estados Unidos, a Comunidade Européia, Japão e Canadá.

**EXPECTATIVAS.** "Não foi necessário tomar primeiro o poder

**LUTA ARMADA, NUNCA MAIS?**

"A luta armada revolucionária foi totalmente legítima no contexto do militarismo, repressão, terrorismo de Estado que tem vivido nosso país desde 1932. Os acordos de paz significam o início do fim do militarismo e da doutrina da Segurança Nacional que os militares adotaram. A luta armada para nós nunca foi nosso projeto. Foi uma forma de luta necessária. Agora nosso desafio maior é nos convertermos de excelentes guerreiros em eficientes produtores. Para que não se repita o conflito, os salvadoreños estão convencidos de que: militarismo, nunca mais; subordinação dos civis aos militares, nunca mais; mais violência institucional... nunca mais!"

(Ernesto Cisneros, representante diplomático da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional no Brasil)



**Guerrilheiras como ela fizeram a guerra. Agora, conquistaram a paz.**

para então realizar as mudanças", disse Shafik Handal, avaliando que os Acordos de Chapultepec puseram fim a meio século de militarização do Estado salvadoreño.

Mas apesar da euforia de quase todos os protagonistas, a construção da paz ainda reserva muitas incógnitas. Há dúvidas de que a redução das Forças Armadas desmantele os esquadrões da morte, poderosíssimos durante a guerra.

E muitos quadros da FMLN temem que a paz traga a repetição do que aconteceu na Colômbia, quando a extrema-direita assassinou centenas de ex-guerrilheiros reintegrados à sociedade. A direção rebelde, porém, não tem dúvidas. "Sou otimista: o acordo de paz é muito equilibrado e justo", disse outro dirigente da FMLN, Salvador Samayo, em entrevista ao jornal mexicano *El Dia Latinoamericano*.

Segundo ele, "os esquadrões da morte só podiam atuar em um

contexto em que não havia democracia". "Eles não terão mais espaço para determinar os destinos do país", concluiu.

Para a FMLN, agora começa o difícil processo de sua transformação de força guerrilheira em partido político, o que inclui a readaptação à vida civil de 25 mil combatentes, sem contar as centenas de milhares de exilados. Uma Comissão Nacional pela Consolidação da Paz, formada por delegados do governo, dos rebeldes e de todos os partidos com representação parlamentar, irá fiscalizar a transição no país.

Mas a FMLN acredita que o respeito aos Acordos de Chapultepec só poderá ser obtido se houver uma ampla articulação das forças democráticas. Assim, a prioridade da já quase ex-guerrilha é costurar uma ampla aliança contra o governo de Alfredo Cristiani.

A primeira força a ser consultada será a Convergência Democrática, composta principalmente pela ex-Frente Democrá-

tica Revolucionária, que por muitos anos atuou em aliança com a FMLN. O comandante Mário Lopez, em entrevista à revista francesa *Inprecor*, disse que essa aliança deve incluir até a Democracia Cristã, que já pegou em armas contra os guerrilheiros.

Seja ou não vitoriosa em sua tentativa, a FMLN prepara-se para trilhar um caminho original na história latino-americana: a reconciliação equitativa de uma sociedade dilacerada pela guerra, um caminho que começou em 1984, quando o comando guerrilheiro percebeu que não haveria vitória sem uma ofensiva diplomática rumo à paz. Nas palavras de Shafik Handal, "a guerra civil em El Salvador acrescenta algo de novo à experiência da esquerda no mundo, em um momento em que ela está acoçada e encurralada, racha, se aterroriza, muda de nome e enfia a cabeça na areia".

JAYME BRENNER



# A volta das quarteladas?

**Em toda a América Latina há agitação nos quartéis, podendo resultar em tentativas iguais.**

Logo que a tentativa de golpe na Venezuela começou, o governador do estado de Carabobo, Enrique Salas, disse que os oficiais rebeldes haviam distribuído armas a estudantes de esquerda. A informação pautou muitos meios de comunicação, que classificaram o golpe como "esquerdista". Mas uma análise do vago programa rebelde mostra que, apesar da tintura de esquerda, ele está mais para o nacionalismo autoritário, tão comum nos quartéis latino-americanos. "Nosso objetivo é o resgate da soberania nacional, a adoção de medidas de emergência contra a miséria, o julgamento dos corruptos e uma nova Constituinte", diziam.

Nos últimos dias, os conspiradores vinham circulando documentos clandestinos com críticas ao governo, a partir de uma ótica de direita nacionalista. Eles chamavam Andrés Pérez de "frouxo" nas negociações com a Colômbia sobre a soberania do Golfo da Venezuela. De acordo com o jornalista Roberto Godoy, de O Estado de S. Paulo, o batalhão de pára-quedistas que liderou o golpe também se ofereceu para integrar a força internacional contra o Iraque, no ano passado. Uma atitude muito pouco "de esquerda". O verniz populista dos rebeldes tinha um alvo certo: o apoio dos venezuelanos que se mobilizam contra a política econômica.

Mesmo que alguns civis desavisados tenham aderido à quartelada, é bom lembrar que as duas maiores forças de esquerda, o Movimento ao Socialismo (MAS) e o Partido Comunista, criticaram com firmeza o



golpe. De Cuba, Fidel também condenou o golpe.

**MOTIVOS REAIS.** A tentativa de golpe militar na Venezuela, mais do que ameaçar o governo do presidente Carlos Andrés Pérez, soou um alarme em toda a América Latina: a agitação nos quartéis está crescendo. Muitos oficiais estão alarmados porque, com o fim da guerra fria e o empalidecer do fantasma da "subversão interna", já não há justificativas para manutenção de forças armadas descomuns. Nesses tempos bicudos, os "planos de ajuste" do FMI batem à porta dos quartéis, na forma de arrocho salarial, corte de efetivos e suspensão da

compra de equipamentos. Não é por acaso que a liderança do golpe venezuelano esteve com oficiais intermediários. Os salários baixos e a redução de sua influência na sociedade não permitem que eles se integrem ao Estado liberal, ao contrário dos comandantes.

O mesmo ocorreu há alguns anos com os golpistas "carapintadas" na Argentina, oficiais intermediários descontentes com os salários e com o fim das regalias que obtiveram durante a ditadura. Os militares "fundamentalistas" ainda prometem dar muita dor de cabeça, e não só na Venezuela. Um dos líderes da quartelada contra Andrés Pérez, o major Hugo Chávez, afirmou: "Fomos derrotados, desta vez".

O FMI e a Casa Branca consideram a Venezuela um dos maiores sucessos do neoliberalismo. O país está em dia com as contas internacionais, e seu Produto Interno Bruto cresceu 4,4% em 1990, e 9,2% no ano passado. Apesar disso, 53% dos 18 milhões de venezuelanos vivem abaixo da linha da pobreza, e 20% dos jovens estão desempregados.

Pouco antes da quartelada contra Andrés Pérez, as pesquisas davam ao presidente 81% de rejeição popular. Dezenas de milhares de trabalhadores e estudantes estavam em greve em todo o país. O quadro é comum a praticamente toda a América Latina. Nesse caldo de cultura turvo é que militares como Hugo Chávez e outros candidatos a golpistas pretendem continuar pescando.

JAYME BRENNER

## NÃO FAÇA O QUE EU FAÇO

O presidente George Bush, dos EUA, anunciou que pretende adotar um amplo programa de medidas para vencer a recessão. Assessores da Casa Branca chegaram a apelidar as iniciativas de "operação tempestade doméstica", num evidente apelo à idéia de que a nação norte-americana é capaz de vencer adversários poderosos, quando está unida e determinada.

Para enfrentar o declínio econômico de seu país, um inimigo mil vezes mais poderoso que Saddam Hussein, Bush irá apelar para medidas que em muitos aspectos contrariam o dogma neoliberal em voga: significam intervenção estatal mais forte na economia. Fala-se em investimentos de 150 bilhões de dólares na construção de obras viárias nos próximos 6 meses, para tentar dar alento aos negócios. Fala-se também em um programa de desenvolvimento de tecnologias emergentes no valor de 76 milhões de dólares, só nos próximos 12 meses.

Parte dos recursos para tais projetos virá da redução dos gastos com a defesa. Segundo Bush, após o fim do "comunismo imperial" será possível alocar mais recursos em "programas que beneficiem o contribuinte". Mas a redução dos gastos militares é apenas aparente: apenas 1% da soma fantástica de 1,5 trilhão de dólares que o Estado norte-americano deverá gastar este ano.

As dificuldades não param aí. Interessado em manter pelo menos parte do ideário liberal que deu três vitórias consecutivas aos republicanos nas eleições presidenciais, Bush propôs ao Congresso medidas de redução de impostos. O resultado dessa política de favorecimentos ao grande capital, cortes demagógicos de impostos beneficiando a classe média, e a construção de estradas a toque de caixa, será um déficit fiscal, segundo dados do próprio tesouro, de 400 bilhões de dólares, soma superior ao PIB de qualquer país, exceto os dez mais poderosos.

ANTONIO MARTINS

## PESADELO NUCLEAR

# Clube da morte ganha mais sócios

**Uma conseqüência imprevista da crise do comunismo: a banalização da bomba atômica.**

O desastre do sistema soviético derrubou o mito do controle político dos arsenais atômicos. Aí estão, da noite para o dia, três novas "potências nucleares": Geórgia, Kazaquistão e Ucrânia. Sem incluir o Usbequistão e a Kirguízia, onde dizem existir instalações de enriquecimento de urânio.

O quadro da proliferação nuclear mudou profundamente nas últimas semanas. É a proliferação pós-moderna. A banalização e a trivialização da posse das ogivas e foguetes de transporte.

Paralelamente está havendo uma silenciosa banalização do uso e comércio do mortífero plutônio, combustível que serve tanto para alimentar reatores como para a bomba.

Japão e Coreia do Sul adquirem quantidades crescentes de plutônio. Já são doze as potências

nucleares: Estados Unidos, Rússia, França, Grã-Bretanha, China, Índia, Israel, África do Sul, Geórgia, Ucrânia e Kazaquistão.

Além desses países, Alemanha, Japão, Canadá, Coreia do Sul e Argentina só não constroem a bomba porque não querem. Brasil, Coreia do Norte e Paquistão podem chegar a ela com algum esforço a mais, e o Iraque estava muito mais perto da bomba do que se supunha.

**CABEÇAS À VENDA.** Nesta quadra da história, de vitória dos valores burgueses, nada como uma boa máxima norte-americana: o dinheiro compra tudo. Compra também tecnologia nuclear, os materiais estratégicos. E compra as cabeças dos técnicos e cientistas que sabem das coisas. Outra dramática conseqüência do colapso do comunismo foi a libe-

ração desse verdadeiro exército de "desempregados do átomo". Somente na União Soviética são cerca de 8 mil técnicos e cientistas especializados em fabricar bombas atômicas e plutônio. Muitos deles já à espera de uma boa oferta para emigrar.

Depois de lutar por décadas contra o totalitarismo na URSS, a última coisa que as potências ocidentais poderiam exigir hoje seria o confinamento dessas pessoas, impedir que aceitem boas ofertas de países como o Brasil, a Líbia, Paquistão ou mesmo empresas da Califórnia.

Um dos problemas do cartel nuclear do Ocidente é que na Califórnia não se precisa deles. São as potências regionais não nucleares, como o Brasil, sequiosas pela bomba, que aproveitarão essa oportunidade histórica, como os russos e americanos atraíram cientistas e técnicos do

III Reich para construir os foguetes espaciais.

**CHANCE RARA.** Há, é claro, uma diminuta chance de parar com essa loucura. Todas as potências nucleares poderiam achar o momento apropriado para um grande esforço pelo desarmamento geral. É o que estão exigindo algumas vozes sensatas, como o Nuclear Control Institute, dos Estados Unidos.

Um primeiro passo seria banir todo o comércio e uso do plutônio. Por que não ficar apenas com a geração dos reatores alimentados a urânio levemente enriquecido, do tipo que não serve para a bomba?

Talvez seja preciso ainda um desastre na escala de Chernobyl para que os poderosos se mexam. Por exemplo: que um grupo de coronéis descontentes, alguns dos 400 mil soldados rus-

sos que estão tendo que dormir em tendas, ou um desses golpistas da Geórgia tome de assalto e seqüestre meia dúzia das 37 mil ogivas espalhadas por lá. Os americanos insistem em dividir o mundo entre os que já têm a bomba e os que não devem tê-la. Não admitem uma "bomba muçulmana", mas querem manter seu próprio arsenal e, eventualmente, despejá-lo sobre Saddam Hussein, como já despejaram sobre Hiroshima e Nagasaki.

O Pentágono acaba de propor ao general Lee Butler, comandante da Força Aérea, que os foguetes com ogivas nucleares sejam redirecionados contra todos os possíveis adversários dos EUA, tenham ou não capacidade nuclear. Que Deus nos ajude. Ou Alá.

BERNARDO KUCINSKI, de Londres



**QUEM SABE FAZ A HORA**

O Brasil tem 30 milhões de analfabetos. A educação é um desastre em termos de investimentos públicos: poucas verbas, mal aplicadas. A principal preocupação do Seminário Nacional de Educação do PT, realizado em Porto Alegre de 6 a 8 de fevereiro, com a participação de 24 secretários municipais de Educação, foi como mudar esta realidade.

Junto com a Campanha de Combate à Recessão, do PT, começa a Campanha Nacional da Educação, dirigida pela Comissão Nacional de Assuntos Educacionais do Partido (CAED).

A campanha começa com a distribuição do manifesto do PT contra a política educacional do MEC, e prossegue com a retomada da luta pela LDB, além de outras atividades como: encontro com parlamentares do PT no final de março, para discussão de projetos de lei sobre Educação; Encontro Nacional de Educação do PT em maio. Os diretórios municipais deverão ter comitês de campanha para ampliá-la para entidades da sociedade civil e outros partidos.

Outra preocupação central do seminário foi a democracia na gestão educacional. A experiência de S. Paulo serve de exemplo: conselhos escolares compostos por pais de alunos, professores, funcionários, entidades da sociedade civil.

Diz Selma Rocha, coordenadora do CAED: "O PT mostra que veio para dividir o poder com a população". Por outro lado, o seminário reiterou a posição do PT contrária aos projetos de municipalização do ensino, vista como uma transferência de responsabilidades sem o devido repasse de recursos e sem reforço na infra-estrutura. Debateu a proposta de uma ação conjunta entre municípios, estado e união, que parta de um levantamento definidor de prioridades e recursos.

**MARCO ANTONIO SCHUSTER,**  
de Porto Alegre

# Saudades do mulato

**Há 70 anos morria o escritor Lima Barreto, um grande pensador do Brasil.**

Ele tem a força de um mito e o tamanho de um gigante da ética e da coragem, além de um carisma arduo que poreja de sua vida breve, sofrida, independente e trágica.

Além de uma obra capital. Tudo o que escreveu é de uma atualidade alarmante. Seus livros são um patrimônio nacional: quatro romances do maior peso: **Recordações do Escrivão Isaías Caminha, O Triste Fim de Policarpo Quaresma, Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá e Clara dos Anjos**; uma dezena de contos de grandeza universal, como "A Nova Califórnia" ou o antológico "O homem que sabia Javanês".

Tudo é fundamental, como outros de seus livros, **O Cemitério dos Vivos, Marginália, Bruzundangas, Bagatelas, Feiras e Mafuás, Vida Urbana...** Será que este país, em essência, não mudou nada após a passagem tão rápida e tão marcada desse escritor carioca, mulato nascido em Todos os Santos, subúrbio do Rio, em 1881?

**O BANDIDO TÍMIDO.** É impossível se escrever uma história do pensamento brasileiro sem se considerar seus livros e suas idéias. De origem pobre, assumindo a sua cor, é um desses escritores raros que refletem a vida de um povo sem paternalismo. Uma simples frase sua como "Minha alma é de bandido tímido" é bastante forte para mexer com a mesmice ou acomodação.

É grande a sua força satírica, mas ele não pode ser considerado um caricaturista de tipos e situações ou até de almas do Brasil de seu tempo. O país, sim, é que era como ainda hoje, pelos seus absurdos, caricatural. Ele foi um fotógrafo corajoso e em

profundidade desse espetáculo tão cômico quanto trágico, a lembrar uma observação aguda de Machado de Assis: "o país real, esse é o bom, o povo revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco".

**Ê BRASIL!** Lima era desconcertante, de estocadas como esta: "o que estraga o Brasil não é a cachaça, não. É a burrice".

Escrevia sobre coisas como: a necessidade de se levantar uma verdadeira história da escravidão negra no Brasil; os entalados estados de sítio brasileiros; a falta de grandeza, de solenidade e de misticismo da nossa arquitetura urbana, contrastando com a paisagem brasileira tão grandiosa; os nossos gurus e sabichões, a quem dava o nome de joões das regras; os nossos grandes impostores e picaretas, que em sua obra chegaram a Secretários de Estado e até ministros; o absurdo de nossa cultura colonizada, na sua época à francesa, e a nossa verbosidade, que se basta com um fraseado importado, nenhuma originalidade e golpes de estilo; a nossa exploração cínica e demagógica dos mais fracos, que lá vivem naquilo que ele chamou de "refúgio dos infelizes", o eterno subúrbio carioca e, por extensão, os interiores do Brasil; a nossa gula e nosso amor desbragado e gana pelo dinheiro, e só pelo dinheiro, que ele pilhou em "A



Lima Barreto em caricatura de 1919

nova Califórnia"; os quixotes da terra, como Policarpo Quaresma, que terminaram fuzilados ou mofando nas cadeias; a nossa furiosa especulação imobiliária, apressada e atamancada, destruindo oceanos, verdes, morros, tudo; o nosso pó de vaidade que se basta com títulos, fardões e medalhas; os pobres e ingênuos artistas populares, usados, manipulados, e que acabam sozinhos e chupando o dedo, como o poeta Leonardo Flores e o modinheiro Ricardo Coação dos Outros; os sonhos mirabolantes dos faraônicos e corruptos homens públicos, como o ministro financeiro da Bruzundanga, o Doutor Felixmino Ben Karpitoso, que até do comércio da feitiçaria se valeu para mais depressa encher os bolsos...

Mas não se pense que Lima Barreto seja um autor "pesado". Seus contos e romances têm um poder de fabulação, uma narração tão natural, solta, que agarram o leitor no primeiro parágrafo e não o largam mais. Lima Barreto é um escritor novíssimo.

**JOÃO ANTONIO,**  
do Rio de Janeiro

ARTES

## Quando Moderno era Moderno

**Em 1922 a Semana de Arte Moderna abria espaços e cabeças. E o Brasil nunca mais foi o mesmo.**

Diz a tradição que o público começou a vaiar e a sair do Municipal de São Paulo, e Mário de Andrade saiu do palco para a platéia, perseguindo a massa que fugia, declamando "Ode ao burguês" ("Fora, fu, o bom burguês...") até as escadarias do teatro, onde prosseguiu vaiado. Talvez nenhum dos pólos do conflito imaginasse o quanto aquele espetáculo contribuiu para mudar o modo de conceber a arte no Brasil e o modo de se pensar e viver o próprio país. A Semana, inicialmente, provocou maior impacto nos seus protagonistas do que no público em geral; os jovens programadores e executores da Semana, os que hoje são a "geração modernista" dos manuais, des-

cobriram a força das próprias idéias e a sua capacidade de organizar um evento de monta como aquele, apresentando a um meio cultural visto como "provinciano" e "atrasado", como o brasileiro e paulista em particular, o que consideravam a adequação da inteligência nacional aos passos e ventos novos que abriam rumos inéditos para as artes no cenário internacional.

O público em geral primeiro olhou de longe, benévola ou malevolamente, o que considerava aquelas "esquisitices" de jovens "malucos": escrever versos de pé quebrado, quando tinha pé; fazer quadros de perspectiva torta; música sem tonalidade, e assim por diante. Na verdade, o impacto da Semana de Arte Mo-

derna se avolumou aos poucos, com o trabalho subsequente da geração dos modernistas que, ao longo da década, foram se dividindo ideologicamente: Mário de Andrade e Oswald de Andrade puxando uma ala mais crítica, contundente, com Raul Bopp, Pagu, Tarsila do Amaral; Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, puxando a ala mais conservadora, que, em alguns casos, chegaria ao nacionalismo balofo e estúpido dos integralistas.

Sobre todos, ficou pairando a torrente amazônica da inspiração de Villa Lobos. Descobria-se o Brasil, um outro Brasil, que era paradoxalmente moderno. As artes européias, nosso espelho preferido, buscavam o primiti-

vo. E o primitivo éramos nós. A geração modernista, que teve seu epicentro na Semana de Arte Moderna (com exposições, concertos, conferências e leitura de poemas), abriu inegavelmente a arte brasileira para a experimentação e a ousadia formal; ao mesmo tempo, completou um movimento iniciado timidamente pelos românticos, abrindo a arte brasileira para todos os Brasis possíveis: o dos negros, dos mulatos, dos nativos desaparecidos ou não, dos imigrantes, o das mulheres de voz própria, o das lutas perdidas. A idéia de transformação, de revolução, ganhou de fato foro de cidadania artística; a linguagem da arte sofreu um embaralhamento criativo com todas as vozes colo-

quiais, todos os sotaques, antes aceitos apenas como pitorescos ou "errados".

De certo modo, tudo fluiu daquela semana de fevereiro de 1922, em que o poeta foi vaiado e parte do público fugiu, ficando outra, entusiasmada. O Brasil descobria-se como palavra moderna, isto é, múltipla, ousada, livre, em confluência com idéias forjadas para sacudir o mundo.

Nada desta palhaçada conservadora de hoje que se quer "moderna", regredindo a olhos vistos diante da descolonização que os próprios modernistas conquistaram, 70 anos atrás.

**FLÁVIO AGUIAR**  
No próximo número, ampla cobertura do significado da Semana.



# Um Scud na tela

Uma fórmula pronta implode a histórica oficial: bomba nos EUA.

**J** receita é conhecida e até um tanto gasta. Junte-se na mesma tela um assassinato, uma trama mirabolante envolvendo a CIA, o FBI, a máfia, um punhado de mercenários homossexuais e um promotor americano de moral ilibada, obcecado pela verdade. Você certamente já viu essa história em vários filmes produzidos por Hollywood, e ela serviria direitinho para resumir **JFK - A pergunta que não quer calar** (em cartaz em cinemas de todo o país), se o seu diretor não fosse Oliver Stone e se JFK não fosse John Kennedy, o presidente mais charmoso, mais bonito e mais mitificado da história americana (ver box).

Aos 45 anos, e com um currículo que inclui duas condecorações por ferimentos no Vietnã, três Oscars e sucessos como **Platoon** e **Nascido a 4 de Julho**, Stone, mais do que um diretor competente, revela-se um extraordinário criador de furacões. E Kennedy, que morreu há 28 anos, parece estar tão fresco na memória quanto o presidente George Bush.

**A TRAMA POSSÍVEL.** O encontro de Stone com a história de uma possível trama que elucidaria o assassinato de Kennedy, no início da tarde de 22 de novembro de 1963, em Dallas, no Texas, se traduz nas telas como um filme de três horas de duração, meio documentário, meio ficção (absurda na opinião do ex-presidente Gerald Ford, que fez parte como deputado da Comissão Warren que investigou o crime, e concluiu que Lee Oswald era o assassino certo e solitário do presidente), absolutamente estarecedor e hipnótico.

Graças a um roteiro ágil e preciso, e a uma edição brilhante, é impossível desgrudar os olhos da tela. E nesse caso, o espectador nem precisa concordar *a priori* com a tese Stone—de que o assassinato do presidente teria os contornos de um golpe de Estado tramado por militares, in-

**JFK**

dustriais e políticos de cinco estrelas para evitar que Kennedy retirasse os Estados Unidos do Vietnã. O filme se encarrega de enfeitiçar a platéia com seu roteiro convincente e inebriante.

**PROMOÇÃO GRATUITA.** Para muitos brasileiros, descobrir quem matou JFK é uma missão nem mais nem menos eletrizante do que apenas assistir e gostar do filme.

Já nos Estados Unidos, a película atingiu os princípios mais cantados da nação—a verdade e a democracia. Houve até quem tentasse consertar os estragos, antes mesmo da estréia do filme. No ano passado, Stone nem havia iniciado as filmagens e o jornal **The Washington Post** chamou o filme de embuste. A uma semana da estréia, a revista **Newsweek**, uma das mais importantes do país, ocupou uma capa e dezenas de páginas para explicar ao leitor porque ele não devia acreditar no filme. A gritaria entre os políticos, dentre eles o presidente Bush, não foi menos ruidosa.

Foi a pior tática. Todo o rebuliço serviu para atizar o público, que fez longas filas na porta dos cinemas. JFK teve mais espectadores por sessão que **Hook**, a fábula de Peter Pan recriada pelo mago das bilheterias Steven Spielberg, e faturou 50 mi-



No filme, Kevin Costner interpreta Jim Garrison, o promotor que quis saber quem matou Kennedy.

lhões de dólares em apenas 38 dias. E o pior, os americanos adoraram o filme.

**O FUTURO CHEGOU.** Agradar ao público e ser um sucesso de bilheteria não são os dois únicos méritos de Stone. Com o seu Scud cinematográfico ele conseguiu mais do que apenas irritar os políticos. Ele está prestes a mudar um capítulo da história. Criada a polêmica em torno do assassinato de Kennedy, o governo americano, para fazer jus a sua tradição de transparência (nem sempre translúcida), está estudando a liberação total dos 26 volumes de documentos da Comissão Warren, inclusive os da CIA.

Se Oliver Stone não fosse obstinado, competente, e o efeito de seu filme não fosse tão demolidor, esses documentos só seriam lidos em 2029, quando raros protagonistas estariam vivos e seria tarde demais para tomar qualquer satisfação—isto é, se ainda cabe tomar alguma providência.

JAIR SANTANA

## KENNEDY, O MAU MOCINHO

A imprensa norte-americana foi unânime na condenação. A legião pós-moderna da imprensa brasileira igualmente detestou, o que deve ter feito com

Sacco e Vanzetti e com Daniel (sobre o caso Rosemberg), também passíveis de ser acusados de "conspirativismo". Mas o público norte-americano reagiu e 73% continuam considerando que o relatório Warren é uma farsa, validando a tese da conspiração.

Oliver Stone tem uma admirável capacidade de reativar temas na contracorrente da onda norte-americana de fechar feridas. Foi assim com **Platoon**, com **Nascido em 4 de Julho** e com **Wall Street**, onde pensa o mundo na perspectiva da história.

O problema de JFK está em que o mocinho não era tanto. Kennedy não conduzia os EUA para o final da Guerra Fria, deu continuidade às agressões a Cuba, e se preparava para nova escalada no Vietnã. Ele duplicou o número de submarinos nucleares Polaris, incrementou em 75% os foguetes Minuteman e em 100% o total de armamentos nas forças de alerta estratégica dos EUA.

Mas nem isso valida o questionamento da tese da conspiração. O desmascaramento do relatório Warren é feito na perspectiva da conjura e da ação múltipla no assassinato. Resta apurar - se e quando os papéis forem abertos a todos - quem articulou o comando que agiu. Mas duvidar de sua existência é recair nas visões ingênuas, em que nem o norte-americano médio acredita. JFK é um filme vibrante para uma época morna de indignação.

EMIR SADER

## 500 ANOS

# América: encontro, desencontro

Sindicatos do Cone Sul fazem concurso sobre causas e conseqüências da colonização

A regional do Cone Sul da Conferência dos Educadores da América (CEA), que congrega os sindicatos da área da educação do Brasil, Chile, Paraguai, Argentina e Uruguai, decidiu em sua última reunião, realizada em Montevidéu em dezembro passado, organizar um concurso para trabalhos escritos sobre o tema da chegada de Colombo à América e suas conseqüências.

O regulamento do concurso será amplamente divulgado a partir de março; o tema proposto é o de "1492: encontro, desencontro"; e o concurso se fará em duas categorias: uma geral, para ensaios sobre o tema proposto, com o limite máximo de 50 páginas de 30 linhas por 60 toques, e

outra, com a mesma dimensão máxima, para estudantes pré-universitários, aceitando-se nesta, qualquer gênero literário.

Haverá júri nacional e internacional; serão selecionados três trabalhos por país, em cada categoria, e a CEA se compromete a conseguir a publicação dos trabalhos selecionados tanto em espanhol como em português. O prazo de envio dos trabalhos para o júri nacional é até 30 de junho, e a seleção deve ser feita neste nível até 31 de agosto. O júri internacional terá até 30 de setembro para se pronunciar, e a divulgação do resultado será feita em sessão solene no dia 12 de outubro. Os vencedores em cada categoria receberão, como prêmio, o direito a uma semana, com

passagem e estadia pagas, numa cidade de algum dos países participantes, podendo levar acompanhante. A regional Cone Sul da CEA pretende conseguir apoio da Unesco, das universidades, de empresas aéreas, de hotelaria e de editoras para a realização do concurso, esperando também que seu exemplo seja seguido pelas outras regionais da entidade que atualmente tem sede geral em São Domingos.

Segundo Fernando Rodae, diretor da regional, o concurso "é uma boa oportunidade para se desenvolver a reflexão sobre as causas e conseqüências do colonialismo em qualquer campo da cultura, do saber e da história".

FLÁVIO AGUIAR

**BRASIL AGORA ASSINE JÁ**

PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado a João Machado Borges Neto - Alameda Gleite, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Brasil Fones (011) 220.7198, 222.6318, 220.7718 e 223.2974

NOME \_\_\_\_\_  
 END. \_\_\_\_\_  
 Nº \_\_\_\_\_ APTO \_\_\_\_\_  
 MUNICÍPIO \_\_\_\_\_  
 FONE \_\_\_\_\_ UF \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_  
 PROFISSÃO \_\_\_\_\_

Assinatura 12 edições Cr\$ 15.000,00  
 Assinatura para o exterior US\$ 50,00 (semestral)  
 Assinatura de apoio Cr\$ 25.000,00  
 Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 31.000,00  
 Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 50.000,00



# VOAR É PRECISO



## CATA-CAVAÇO, A POSIÇÃO MODERNA

O discurso da modernidade como palavra que justifica tudo, embora muitas vezes não signifique nada, não é exclusivo de Collor. E nem exclusivamente usado para questões nacionais. Cuba é um dos maiores alvos do discurso da modernidade por parte da grande imprensa, especialmente da Folha de S. Paulo.

Para os jornalistas da Folha, desde os que assinam "da Reportagem Local" até articulistas, para Cuba chegar à modernidade os cubanos têm que depor Fidel Castro e gritar para seus compatriotas em Miami e ao governo norte-americano: "Voltem, estamos de braços abertos (e pernas também). Transformem-nos em trabalhadores tão felizes quanto os dos demais países da América Latina". Para fazer o povo cubano odiar Fidel, tudo é permitido, desde fazer que ele não tenha mais combustível, até que se passe fome. Fome neles! Assim como o Estádio foi "o último ocidental" a desistir de derrotar os vietnamitas, a Folha só vai calar-se se Cuba for humilhada, ficar de cata-cavaco e pedir a penetração capitalista pelo amor de Deus.

Dentro dessa linha, a própria solidariedade ao povo cubano vira coisa ridícula, cumplicidade com o fuzilamento de opositores políticos. Cuba tem que aceitar que sabotadores armados venham de Miami e cumpram suas missões sem serem importunados. E louva-se o presidente Carlos Andrés Pérez, da Venezuela, que não vende petróleo a Cuba "enquanto o país não voltar à democracia". Em sua gestão anterior ele visitava ditadores militares brasileiros sem querer saber se eles matavam dissidentes. Para ser contra a pena de morte, será correto defender com tanta garra o bloqueio contra um país, para que o povo esfomeado derrube o seu governo? Será que os jornalistas da Folha acreditam realmente que a felicidade do povo cubano passa pela submissão irrestrita aos Estados Unidos?

MOUZAR BENEDITO

## Cercado de muita polêmica e expectativa, o "Vôo da Solidariedade" partiu de São Paulo no último dia 7.

Brasil Agora esteve no aeroporto de Cumbica e perguntou a alguns dos participantes porque iam para Cuba.

### JAGUAR

(humorista, editor do Pasquim e de A Notícia, do Rio de Janeiro):

"Vou porque sou solidário com o povo cubano. O mundo inteiro está querendo acabar com ele, os comunistas e os capitalistas. Cuba é um país admirável, que está se defendendo como pode. Além do mais, se eu quiser ver fuzilamento vou até a Baixada Fluminense onde acontecem quinze por dia".

### NICOLAU FARAH

(assessor de imprensa da Telesp):

"Vou para Cuba ver o que o povo está passando, o bloqueio que está sofrendo. Quero saber até onde isso pode influir sobre o governo que há lá. Esse vôo é uma solidariedade com o povo que está passando dificuldades".

### ERIC NEPOMUCENO

(jornalista, organizador do vôo de solidariedade):

"O vôo é um gesto simbólico, solidário. Me impressiona a visão parcial da imprensa. Existe uma forma pré-concebida onde tentam encaixar as respostas. Há uma distorção".

### TAIGUARA

(compositor e cantor):

"Cuba conseguiu promover, de 1959 para cá, o bem-estar social para sua população. Os EUA, pelo contrário, trouxeram um surto de miséria para nós do mundo pobre. Isso nos incita à solidariedade com um povo revolucionário que está sendo bloqueado, injustiçado, que está sofrendo um momento histórico que não merecia. O povo cubano, o governo cubano e a revolução cubana têm exportado cientistas para o mundo inteiro. Mereceriam de nós uma solidariedade mais efetiva há muito tempo".

### IRAMAIA BENJAMIN

(Ex-presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia no Rio de Janeiro):

"Eu tive dois filhos exilados

e isso me interessou pelas coisas da política. Acho uma barbaridade o que os EUA estão fazendo com Cuba. É desumano impedir Cuba de fazer comércio com o resto do mundo. Acho também que o Brasil devia implementar o seu comércio com Cuba, pois é assim que poderemos dar uma ajuda efetiva. Nós estamos fazendo o que podemos, participando dessa caravana de solidariedade. Porém o governo brasileiro deve aumentar o seu comércio com Cuba, não obstante todas as sanções que possam advir do imperialismo".

### ADELSON RODRIGUES

(Advogado carioca):

"Vou para Cuba porque é um país pobre, porém o povo tem dignidade, não há miséria. É um povo que tem uma educação primorosa e um sistema de saúde quase perfeito; os Jogos Panamericanos são uma prova disso. A dignidade do povo cubano é muito importante para a América Latina. Você poderia me perguntar: por que não mandar essa ajuda para o nordeste? Porque no nordeste a ajuda iria para a mão dos políticos e lá irá para o povo".

### RICARDO OTHAKE

(artista plástico, ex-diretor do MIS):

"Cuba conseguiu acabar com a miséria, dar educação para todo mundo. Um país que resolve essas questões no terceiro mundo tem que ser respeitado, por mais torpes que tenham sido os caminhos para conseguir isso. Cuba é um país que tem que receber apoio, pois resolveu alguns problemas básicos. Tudo isso com um bruto esforço. Tiveram que fazer uma revolução para isso".

### ALDO LINS E SILVA

(jurista):

"Estou indo a Cuba por solidariedade aos ideais da revolução cubana. Vou também como

profissional, pois quero tomar conhecimento da legalidade dos processos que envolveram os terroristas ali aprisionados, processados e condenados. As informações que eu tive, fidedignas, é de que os processos ocorreram dentro das normas da maior legalidade, com a mais ampla defesa, um processo estritamente legal. O povo cubano merece solidariedade contra a beligerância camuflada dos Estados Unidos. Cuba não quer a guerra, quer a paz para consolidar os princípios da revolução".

### GILBERTO CARVALHO

(Secretário nacional de formação política do PT):

"Eu vou para Cuba cumprindo uma missão partidária. Vou, sobretudo, levar a solidariedade do PT e do povo brasileiro. É evidente que essa ida a Cuba é um gesto de apoio, o que não impede que nós tenhamos, dentro de um diálogo fraterno, a nossa opinião sobre o que está acontecendo em Cuba, principalmente nos últimos dias. Vamos em missão de solidariedade, mas também numa missão de crítica fraterna à maneira como os cubanos estão desenvolvendo o seu processo político. Estou levando uma carta de Lula ao Fidel, e a disposição de discutir com o povo cubano o destino daquele país e da América Latina".

### ANA MARIA MÜLLER

(advogada do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro):

"Sempre participei da luta pelos direitos humanos, pela liberdade dos povos e sua autodeterminação. Num momento tão crucial para o povo cubano e para o nosso povo também, é necessário que a gente se esforce para criar uma nova ética de solidariedade. Estou tentando fazer isso com o povo cubano, já que tem sido tão difícil fazer isso aqui no Brasil".

## CUBA: O DESPERTAR DAS IRAS

Nunca vi fazer tanta exigência, nem tanta baba de raiva e impotência, como no caso dos jornalistas que recentemente foram tomados de histeria contra Cuba e o vôo de solidariedade ao povo cubano organizado por intelectuais brasileiros. Será paranóia, mistificação, inveja ou despeito? Antes da revolução de 1959, Cuba era o maior bordel dos ricos das Américas.

O antigo país dos grandes puteiros e das grandes putarias da Máfia se revoltou, mostrando que é possível sair da lama e fazer algo mais do que vender a alma! Que à direita babosa norte-americana e brasileira interesse não só destruir o regime socialista de Cuba, mas também humilhar aquele povo, é de se esperar. Mas a fúria dos arautos dos jornais vai além. No ataque não se mede munição: dispara-se tudo, afrontando-se até os fatos mais elementares. Por que será? Cuba é um dos únicos países da América onde existe uma forte condição de igualdade entre brancos e negros. Cuba resolveu a questão do analfabetismo e questões de saúde que nenhum outro país das três Américas - exceção feita ao Canadá - resolveu. Ajudou a descolonização da África, enquanto os EUA mantiveram ditaduras atroz no nosso continente e em outros (e vôo suspender o embargo ao Haiti). Mas os jornalistas encham a boca e dizem que Cuba vive no atraso, no tempo da charrua e da bicicleta. E nós? Devemos viver no tempo dos burros falantes.

Tudo é mistério na alma humana, sem dúvida. O côro dos jornalistas parece mais um bando de velhos corocos que venderam a alma ao diabo mas nunca de fato gozaram no reino capeta, talvez por falta de imaginação. E agora, buscando a imediatice dos prazeres tardios, querem revender o que já não têm: alma, beleza, paixão, algum ideal empoeirado, alguma palavrinha menos soçada.

FLÁVIO AGUIAR



# BRASIL AGORA

